LOS ANGELES: VEJA TUDO QUE ROLOU NA TORRES EMPIRE CAR SHOW 2014 !

RAP - DJ - GRAFITE - B.BOY - SKATE - LOWRIDER - MODA URBANA - TATTOO - SNEAKERS - FREE[illegible] SHOWS

REVISTA

RAP NACIONAL



NOSSA EQUIPE FOI ATÉ UM DOS MAIS IMPORTANTES EVENTOS DE LOWRIDERS DO MUNDO!

REPORTAGEM E ENTREVISTA COM:

MARCELO D2

CONE CREW DIRETORIA

FILIPE RET

SAIN

START

É O RAP CARIOCA NO SEU MELHOR MOMENTO!

ED Nº10 · ANO II

R$14,99

REDBULL THR3STYLLE - FAMÍLIA CORLEONE - TROPKILLAZ - MC GUIMÊ

Rap RJ - Racionais MC's - 5pra1 - Prêmio Honra ao RAP - Baile da FICAP e mais!


COFFEE SHOP
CONE CREW
WWW.LOJACONECREW.COM.BR
LOJA OFICIAL
CONE CREW DIRETORIA
ESSE É O MOVIMENTO!



BONÉS, CAMISAS, CASACOS, MOCHILAS CORDÕES, SHAPES E MUITO MAIS!

conecrewdiretoriaoficial conecrewoficial conecrewdir lojaconecrew.com.br shows@conecrew.com

VISITE NOSSA LOJA

WWW.LOJACONECREW.COM.BR

Expediente

Publicação
Portal RAP NACIONAL
www.rapnacional.com.br

Editor-chefe
Willian Domingues
(Mandrake)

Jornalista Responsável
Elaine Mafra (Mtb 47.959)

Diretor de Artes
Willian Domingues
(Mandrake)

Foto de Capa
Sérgio Blazer

Colaboraram com esta edição
Dalazen Jr, Guylherme Custódio, Pacheco Neto, Sérgio Blazer e Paulo Jorge Jr.

Departamento Comercial
Telefone 47 3046.6156
Seg. a sexta das 10 as 18h
revista@rapnacional.com.br

Redes Sociais
facebook.com/rapnacional
twitter.com/rapnacional
instagram.com/rapnacional
youtube.com/tvrapnacional
soundcloud.com/portalrapnacional

Edições Anteriores
Adquira as edições anteriores na loja virtual
www.lojarapnacional.com.br





10. Baile da FICAP
Dexter e MV Bill emocionam comunidade

18. Festa de lançamento do LokaZoras
Confira os detalhes deste grande evento

22. Los Angeles
Veja tudo que rolou no Torres Empire Car Show 2014

30. 5 Pra 1
Grupo formado por DJ Will, Renan Samam, Filiph Neo, Dee e Minizu lança primeiro EP

32. Rimático
Lança o CD “A fonte inesgotável da inspiração vem das Origens”

TropKillaz

34.
Zegon e Laudz, a dupla brasileira que faz o mundo dançar ao som do trap



14.

Red Bull Thre3style

DJ Cinara vai representar o Brasil na maior batalha de DJs do mundo. A grande final será em setembro no Azerbaijão.



16.

Racionais MC’s no Quad em NY

Os quatro pretos mais perigosos do Brasil foram a Nova York para mixar e masterizar o novo disco do Racionais MC’s!

#RAPRJ

O rap carioca no seu melhor momento!
Fomos até a Lapa para ver de perto o que está rolando por lá. Confira uma reportagem especial e também entrevistas exclusivas com Marcelo D2, Filipe Ret, Stephan e Cone Crew Diretoria.

28.



26.

Família Corleone e
O Time dos Monstros

Eles estão preparando um novo EP que reúne uma mescla musical diferenciada, de levadas e estilos, além da participação de Kev Bronw.



72.

MC Guimê do rap ao
funk do funk ao rap

Leia a entrevista exclusiva com o funkeiro que esta produzindo um disco com um dos produtores mais pesados do rap gringo.



86.

Editorial de Moda Urbana

Confira uma sessão de fotos feitas pelo fotógrafo Dalazen Jr. com o editor da Revista Rap Nacional, Mandrake, que atacou de modelo nesta edição.

Dez edições de sucesso

Chegamos na edição nº 10 da Revista Rap Nacional, que é uma vertente do Portal Rap Nacional que esta há 15 anos no ar. Para chegarmos até aqui tivemos que superar muitas, mas muitas dificuldades mesmo!



Quando anunciamos que iríamos lançar a Revista, fomos taxados de loucos, afinal estávamos indo na contra mão! Enquanto muitas publicações impressas decretam falência e encerram seus trabalhos, sites e portais estão cada dia mais bombando na rede mundial de computadores. Mas nós acreditamos na importância da mídia impressa para o hip-hop, que continua tendo pouco espaço na grande mídia. Para comemorar que chegamos a décima edição, preparamos uma revista bem especial para você leitor, que é o responsável por continuarmos na ativa.

Começamos a trabalhar nesta nova edição logo após o lançamento da última revista que trouxe Dexter e MV Bill na capa. Acompanhamos os dois rappers em vários shows e o que mais nos marcou foi um realizado na Zona Norte do Rio de Janeiro. No Baile da Ficap fomos muito bem recepcionados pela comunidade e pela organização. Também no Rio de Janeiro marcamos um encontro com duas gerações do rap carioca: Marcelo D2, seu filho Stephan, Felipe Ret e a Cone Crew Diretoria. Aproveitamos a bela paisagem dos Arcos da Lapa para bater um papo com eles e também fazer a sessão de fotos para esta edição.

Marcamos presença na final nacional do maior campeonato de DJs do mundo e vimos de perto a emoção de DJ Cinara ao garantir sua vaga para a etapa mundial do Red Bull Thre3style. Estávamos presentes também no lançamento do novo disco do grupo Lokazoras, que fez um grande evento em São Paulo. E fomos ainda mais longe para trazer para vocês uma cobertura completa de um dos maiores eventos de lowriders do mundo, realizado em Los Angeles, nos Estados Unidos. Para o editorial de Moda Urbana visitamos um Country Club abandonado em Balneário Camboriú. O lugar é sinistro, mas rendeu belas imagens!

Visando fidelizar nosso público e aos poucos sair do monopólio da distribuição em bancas, trazemos de brinde a edição especial do novo EP do MV Bill “Vitória Para Quem Acordou Agora e Vida Longa Para Quem Nunca Dormiu”, com exclusividade para os leitores que comprarem esta edição da revista através do nosso site e nas lojas de artigos de hip hop. Mas lembrando, que você encontra a nossa publicação nas bancas de todo Brasil.

Boa leitura e aproveite sem moderação.

Mandrake

Editor Chefe



Vem aí...

KL Jay na Batida Vol. 2

No quarto sozinho

www.djkljay.com

Lançamento da Revista Rap Nacional na Virada Cultural

A edição passada da Revista Rap Nacional, que trouxe na capa Dexter e MV Bill, foi lançada durante o show #Campo Minado, realizado na Virada Cultural 2014. Depois do show, Dexter permaneceu durante mais de 1h atendendo os fãs, autografando a revista, tirando fotos e trocando ideia com o público.



Prêmio Honra ao Rap para Dexter e MV Bill





Durante o show na Virada Cultural o diretor do Portal e Revista Rap Nacional, Mandrake, entregou aos dois rappers o prêmio Honra ao Rap. Esse prêmio é uma homenagem àqueles que com seu trabalho, talento e dedicação ajudaram a construir a história do rap no Brasil. O prêmio também já foi entregue para Mano Brown, do Racionais MC´s, e ao grupo Detentos do Rap.



Milhares de pessoas lotaram a Praça da República para assistir ao show #Campo Minado



Mandrake entregando o Prêmio Honra ao Rap para Dexter e MV Bill



Show Campo Minado empolgou o público que lotou a Praça da República

EP de brinde

MV Bill acaba de lançar uma edição especial do seu novo EP. Quem comprou a Revista Rap Nacional Nº10 pela internet ou em lojas especializadas do hip hop, recebeu o disco de brinde!



Rafinha Bastos

A edição anterior da nossa revista foi destaque no programa “Agora é tarde”, da TV Band. A publicação foi entregue ao vivo por MV Bill.



Parceria forte

O Portal Rap Nacional acaba de fechar uma parceria forte e passa a fornecer conteúdo para os Portais Virgula e UOL.



BAILE DA FIC

Por **Elaine Mafra** | Fotos **Mandrake**

Sabe aquela frase do Milton Nascimento que diz que o artista tem que ir onde o povo esta? No caso do rap acho que essa afirmação se torna ainda mais complexa. O rap já dominou vários espaços, chegou as baladas e até já falam num tal rap universitário. Mas é quando ele volta as suas origens que se torna mais forte, que seu discurso tem mais impacto e suas rimas fazem mais sentido. As origens do rap, seja no Brasil ou no mundo, é nos guetos, nas favelas. Em 23 de maio dois grandes representantes do rap nacional estiveram na Favela da Ficap, que fica no Jardim América, Zona Norte do Rio de Janeiro, para apresentar o show #Campo Minado.

A Ficap é uma das quatro favelas do bairro Jardim América, que fica entre a Avenida Brasil e a Rodovia Presidente Dutra. A comunidade é muito carente de vários serviços essências que deveriam ser oferecidos pelo governo, que assim como em outras favelas, se faz omisso. A favela da Ficap com frequência estampa as páginas policiais dos jornais, mas a comunidade é muito mais do que isso. Lá moram pais de família, mães trabalhadoras e muitos jovens, que apesar das dificuldades, se empenham para vencer as estatísticas e transformar seu futuro. É nesse lugar, onde o governo virou as costas, que todos

> “Só quem vive, só quem sabe, é que tem noção. E o Estado nisso tudo é omisso, falta compromisso, ossos do ofício. Infelizmente”
>
> trecho de Campo Minado



AP Dexter e MV Bill emocionam comunidade





os meses acontece o Baile da Ficap, organizado pelos próprios moradores da comunidade. Muita gente de responsa já passou por lá, e dessa vez foi Dexter e MV Bill, acompanhados de Kmilla CDD e Gregory, com DJ Tony e DJ Loo nas pick ups, que agitaram a noite com um repertório composto por músicas dos dois rappers.

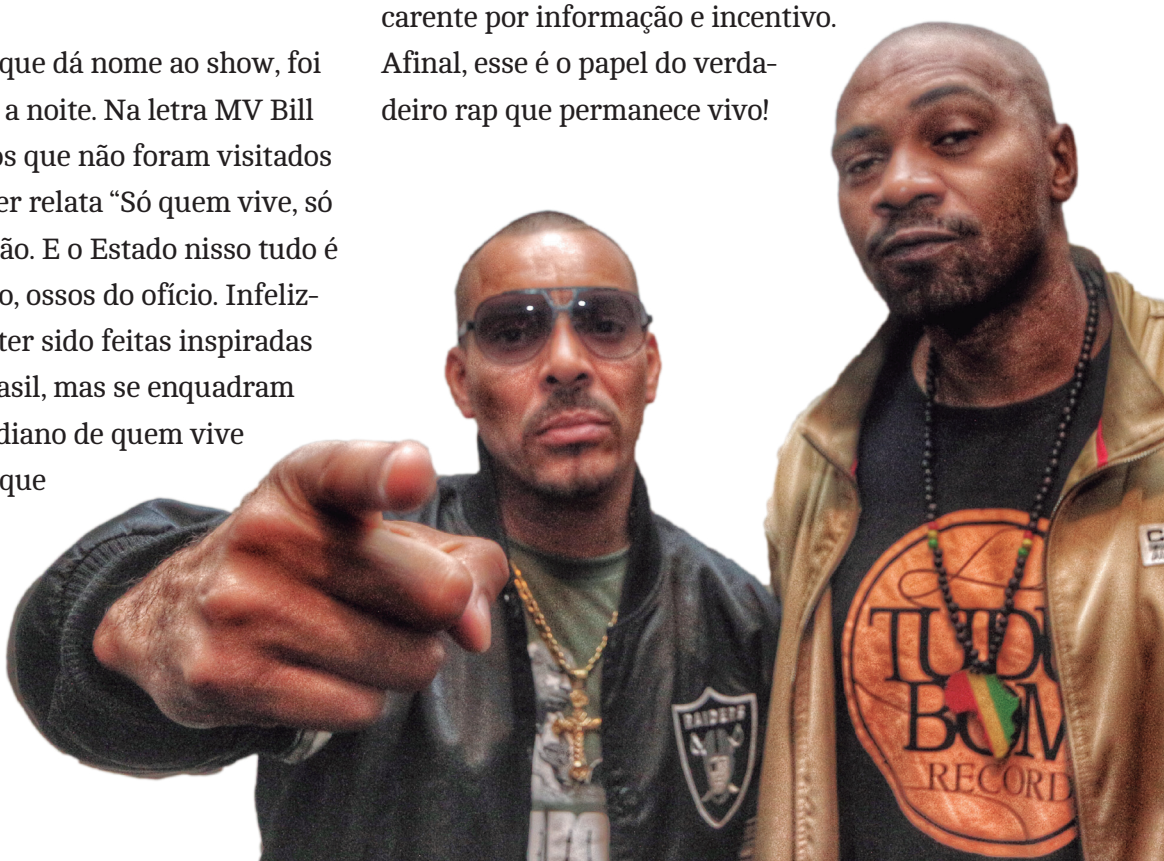
Entre uma música e outra, muitas ideias trocadas e muitas palavras de incentivo para aquela comunidade. E quem colou na frente do palco para assistir e também filmar o show, foi presentedo com a disposição dos rappers em pegar os celulares do público para filmar, garantindo assim lembranças exclusivas que ficaram guardas para sempre. Durante o show, MV Bill falou sobre o respeito do público da Ficap, já que o baile tem tradição com o funk e muitas vezes nesses locais o rap não é muito compreendido. Mas nesse caso, o rap encontrou um público atento, empolgado e sedento por rimas carregadas de protesto, mensagens de incentivo e experiências de vida. Dexter também agradeceu a recepção feita pela comunidade e parabenizou os aniversariantes da noite.

A chuva bem que tentou, mas não conseguiu estragar o clima da noite. Do início ao fim o show empolgou o público com clássicos, como “Soldado do Morro, “Falcão” e “Só Deus pode me Julgar”, de MV Bill e “Oitavo Anjo”, “Saudades Mil” e “Salve-se quem puder”, de Dexter. As minas que estavam presentes foram ao delírio com “Estilo Vagabundo”, onde quem começou desenrolando com Kmilla CDD foi Dexter. Um dos momentos mais emocionantes da noite foi quando Dexter cantou “Como vai seu mundo?”. A letra dessa música promove uma reflexão sobre como cada um tem encarado o seu dia a dia,



seus dilemas e frustrações, mas também o quanto é importante se preocupar com os outros.

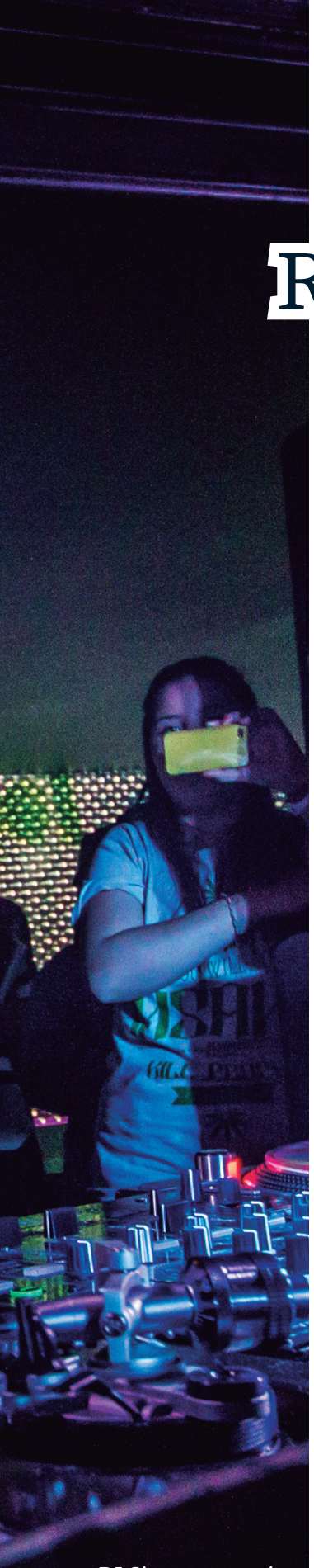
"Campo Minado", música que dá nome ao show, foi a escolhida para encerrar a noite. Na letra MV Bill fala de "lugares esquecidos que não foram visitados pela democracia". Já Dexter relata "Só quem vive, só quem sabe, é que tem noção. E o Estado nisso tudo é omisso, falta compromisso, ossos do ofício. Infelizmente". As rimas podem ter sido feitas inspiradas em qualquer favela do Brasil, mas se enquadram perfeitamente para o cotidiano de quem vive na Ficap. A única certeza que temos é que nos guetos, o campo continua minado e apesar da mídia tentar convencer que nas favelas hoje tudo é alegria, em vários lugares não mudou! É por isso que o rap precisa ir onde o povo esta, mas o povo sofrido, carente por informação e incentivo. Afinal, esse é o papel do verdadeiro rap que permanece vivo!



Red Bull Thre3style

Revista Rap Nacional N°10





DJ Cinara garantiu a vaga na maior batalha de DJs do mundo ao vencer a etapa nacional, em Belo Horizonte

DJ CINARA VAI REPRESENTAR O BRASIL NA MAIOR BATALHA DE DJS DO MUNDO

A paulistana Cinara Martins, 30 anos, garantiu sua vaga ao vencer a etapa nacional do Red Bull Thre3style – campeonato mundial de DJs promovido pela Red Bull – que rolou em Belo Horizonte, em 6 de junho. A final mundial será em Baku, capital do Azerbaijão, país com pouco mais de 9 milhões de habitantes, localizado na fronteira entre a Europa e a Ásia.

A etapa brasileira foi disputadíssima. Para garantir o primeiro lugar, Cinara precisou impressionar o júri formado por Tamenpi, DJ Hum, Nedu Lopes e Zegon. Mas o sucesso da moça não veio por acaso, foram horas e horas de dicação. "Tranquei a faculdade de produção fonográfica para me dedicar, porque o campeonato requer muita preparação", comentou Cinara logo após a vitória.

No total foram 131 inscrições, onde apenas 18 DJs foram selecionados para participar das eliminatórias, realizadas em Recife, Brasília e Campinas. Apenas os seis melhores, MC Jack, Nino Leal, Marquinhos Espinosa, Guto Lourenço, Lisa Bueno e Cinara, foram convocados para Belo Horizonte .

Para a etapa nacional, cada concorrente preparou um set de 15 minutos - tempo definido na regra para que cada um pudesse mostrar sua técnica e bagagem musical, tocando (no mínimo) três gêneros musicais diferentes – a paulistana tocou Michael Jackson, White Stripes, Icona Pop e clássicos do rap nacional, como "Você vai estar na minha", de Negra Li. "O meu objetivo era só fazer o que eu ensaiei sem errar", relembrou.

Essa foi a primeira participação de Cinara no Red Bull Thre3style, antes de chegar a Belo Horizonte, ela teve que vencer a etapa de Brasília. O título de campeã nacional num meio onde os homens ainda dominam surpreendeu a DJ. "Não pensei que pudesse ganhar, mas, na verdade, isso é um total 'girl power'! Quero que a minha vitória incentive outras mulheres a competirem e mostraram seu trabalho!", declarou.

Na etapa mundial, que será em setembro, Cinara enfrentará os DJs vencedores das batalhas em 20 países ao redor do planeta. A estratégia para voltar ao Brasil com o título de campeã mundial já esta montada. "Quero treinar muito, montar grandes e inspirados mashups e fazer coisas em que eu me sinta segura, é ruim arriscar e errar na hora", explica Cinara.

Racionais MC's no Quad em NY

Por **Mandrake** Fotos **Instagram**

Nomes como 2Pac, Notorious Big, Jay-Z, Lil Wayne, DMX, Ol Ditry Bastard, Alicia Keys, Whitney Houston, são apenas alguns nomes da repleta lista que Racionais acaba de integrar. Foi na frente deste estúdio que 2Pac foi baleado em 1994.





Mano Brown granvando em Nova Yorque

Os quatro pretos mais perigosos do Brasil estão a mil por hora em Nova York e só devem retornar ao país quando o disco estiver pronto.

Um álbum especial e tão aguardado pelo nosso público merece toda dedicação e carinho dos integrantes, que estão na batalha para fazer um trabalho do "Racionais como você nunca viu", e eles vem firmando esta frase.

Como já havíamos noticiado no Portal Rap Nacional, as vozes do disco foram gravadas no Maraca Estúdio, localizado no Capão Redondo, mas esta sendo finalizado no Estados Unidos, e o local escolhido





Se liga no ambiente sofisticado do Quad Studios, um dos mais importantes de NY.



Ice Blue, Mano Brown, Edi Rock e DJ Kl Jay



DJ Cia, um dos produtores do álbum, foi para NYC junto com Racionais MC's para acompanhar o processo

para mixar e masterizar a obra foi o Quad Studios. Para você ter ideia, vários artistas internacionais já fizeram trabalho por lá, nomes como 2Pac, Notorious Big, Jay-Z, Lil Wayne, DMX, Ol Ditry Bastard, Alicia Keys, Whitney Houston, Ne-yo, Ll Cool K, Pitbull, Busta Rhymes, são apenas alguns da repleta lista que Racionais acaba de integrar. Outro fato histórico, foi neste estúdio que 2Pac foi baleado em 1994.

E você que é fã de Racionais MC's não perde por esperar, pois o disco esta pesado! As músicas são pancadas e trará todo o poder do grupo copilado em uma obra histórica.





Festa do LokaZoras reuniu monstros do Rap no Carioca Club

Por **Mandrake e Fábio Barbosa** | Fotos **Elaine Mafra e Zezinho Kintê**

A cortina se-abre, DJ Pudim solta a base e de dentro de um caixa eletrônico eis que surge derrubando a porta com o pé direito o rapper Karatê, com direito a chuva de notas de R$ 100. "Pânico", uma das músicas que se destaca no disco "Não Vai destruir o que eu construí", recém lançado álbum do LokaZoras, também teve destaque durante a festa de lançamento do disco.

Além da chuva de dinheiro, os integrantes do grupo junto com alguns parceiros representaram muito bem na encenação que ilustrou a música cantada. Mascarados com direito a fuzil e dinamite, tacaram o pânico em cima do palco, como você pode ver nas fotos.

A festa aconteceu em 21 de abril, no Carioca Club em Pinheiros, São Paulo. E para celebrar este momento especial para o grupo e para o rap nacional, nada melhor do que convidados mais que especiais para abrilhantar a festa de Karatê e DJ Pudim. Passaram pelo palco do Carioca Club os grupos "Na base da Fé", "Dexter", "Edi Rock", "Trilha $onora do Gueto", "MC Lon" e "Mano Brown".

A apresentação da festa ficou por conta de Paulo Brown, grande locutor do movimento hip-hop. Nos toca-discos, os DJS Easy Nylon e











King, que mandaram o melhor da nossa música. Erick Jay também marcou presença e fez sua participação.

LokaZoras cantou todas as músicas do disco, com destaque para “Eu e Ela, Nossa História”e Menina Mulher, que contaram com participação de X-Bacon no backing vocal. Um momento forte do show, onde o público em peso agitou, foi a música “Crack”, que contou com a participação e abriu o show de Dexter. A apresentação do “Oitavo Anjo” foi bastante aplaudida e a rapaziada presente cantou junto com ele todas as músicas. Dexter também abriu espaço para o parceiro de palco, Gregory, que cantou algumas de suas músicas solo. No meio do show, Dexter chamou ao







palco Mandrake, diretor da Revista Rap Nacional, que distribuiu alguns exemplares e falou um pouco sobre a edição que trouxe na capa Dexter e MV Bill.

Entre as apresentações convidadas, o rapper Cascão, do Trilha $onora do Gueto, antigo grupo dos integrantes do LokaZoras, demonstrou o orgulho de ver seus antigos aliados traçarem novos rumos e continuarem na corrida.

Edi Rock, acompanhado de Don Pixote começou "Aquecendo as Naves" e na sequencia mandou alguns sucessos do disco "Contra Nós Ninguém Será" e também alguns hits do Racionais MC's. Momento mágico foi quando Edi Rock desceu do palco e cantou no meio do público o sucesso "Thats My Way".

Para encerrar a noite, um dos momentos mais esperados, eis que surge Mano Brown, que chegava diretamente de um show em Santa Catarina. Acompanhado de Lino Krizz, DJ Dri, Negredo, RDG, Du Bronks e Boy Killah, Brown cantou várias músicas do seu trabalho











solo, com direito a algumas inéditas. Além de cantar, é claro, alguns sucessos do Racionais MC's acompanhado pelo público de ponta a ponta.

A organização do evento esta de parabéns, agradecimento especial ao Véio, empresário do grupo, que recepcionou muito bem nossa equipe. O Portal Rap Nacional deseja muita luz na caminhada do LokaZoras e que continuem firme e fortes fazendo Revolução Através das Palavras! Tamo junto!!!

Contato para shows:
11 947565760
Id 35*21*21749
noizquetanoizqueta@gmail.com
Fecebook: Noizqueta
Instagram: @noizquetanoizqueta





UM BRASILEIRO NO PARA

LOWRIDE

DJ Magreen, de Florianópolis, Santa Catarina, se mudou recentemente para Los Angeles, nos Estados Unidos. Representante da Revista Rap Nacional na terra do Tio Sam, Magreen tem se aprimorado na arte das pick-ups e também esta descobrindo um mundo novo, ou pelo menos, muito maior do que imaginava. Apaixonado pela Cultura Lowrider desde criança, teve a oportunidade de visitar a Torres Empire Supershow 2014, um dos principais encontros de Lowriders do mundo. Essa experiência ímpar, é o assunto do texto que você confere abaixo!



DJ Magreen na entrada do Torres Empire Supershow 2014

Domingo de manhã, 13 de julho de 2014, Califórnia, Los Angeles. Céu azul típico de mais um verão californiano. Acordo com a seguinte pergunta de um velho e grande amigo, Hallan Almeida A.K.A. Tiohallan, irmão de anos, um parceiro que eu não via há um bom tempo e que tive a honra e o prazer de reencontrá-lo e ser muito bem recebido em sua humilde residência aqui em Hollywood!

Acorda ai! Então irmão, você tá ligado o que esta rolando hoje? Um car show, um encontro de lowrider no Los Angeles Convention Center, o Torres Empire Supershow 2014. Demoro MaBo$$, vamos colar agora. Abre meio dia e eu quero ser o primeiro a entrar! Ao chegar ao local, antes de atravessar a rua eu olhei para frente e me surpeendi com o tamanho da estrutura do Convention Center e a ficha caiu mais um pouco…. WOOOWWW..Tô na terra dos gigantes MESMO. Esse lugar é muito Huge man e pensei, hoje o bicho vai pegar!!!

Logo na entrada eu observei como a organização, a educação e o respeito aqui no primeiro mundo realmente são diferentes. Pessoas de diversas etnias, classes sociais, com ou sem tatuagens. Uns em grupos de amigos e outros em família, com mulheres e crianças, jovens e idosos, de

AÍSO DOS ERS



diversos Car Clubs uniformizados e unidos, em prol de uma só ideia, a Cultura dos LOWRIDERS ou LOWRIDING, que para alguns são apenas carros e bicicletas, mas para outros, vai muito além do material. É um estilo de vida e história que vem de anos sendo passado de pai para filho e que envolve muito mais que simples carros e bikes. Envolve a religião, a cultura, as roupas, as tattoos, os brinquedos, cortes de cabelo, postura, entre outras coisas.

Ao entrar no salão principal me deparei com a imensidão, dimensão e a quantidade de carros em um único lugar e falei: "Caraí mano, WHAT THAT FUCK MaBo$$, que que é isso meu irmão? Por onde vamos começar? Esquerda, direita ou centro? A emoção foi realmente grande, afinal foram 26 anos esperando por esse momento. Gracias Madre!!!

Decidimos começar da esquerda para direita. Lets Go MaBo$$!!! Minha Nossa Senhora de Guadalupe, o que é isso? Estou sonhando acordado? Ok, ok, entendi! ENJOY L.A. é o que eu mais tenho escutado aqui desde quando eu cheguei. Então vamos desfrutar.

Logo de cara, já obervamos que foi organizado em blocos, tipo quarteirões, setores de cada Car Club. De repente o TioHallan olhou para mim e disse: "*Ow, você viu que tem uma porta que vai para rua? O que será que tem lá, que esse povo tá entrando e saindo?* Olhei e disse: "Não sei tiuzão, mas vamos lá agora ver essa fita aí. Partiu!

Foi quando o evento, que já parecia grande se tornou surreal. Descobrimos que estava rolando um campeonato de Hoppers, que são os carros feitos para sair do chão e pular alto de verdade. Com mais de 40 carros inscritos, agora aguenta coração, porque ver aquelas barcas gigantes pulando a frente, fazendo front-hopper, que são movimentos que fazem a dianteira do carro pular a mais de 63" inch do chão, batendo o parachoque traseiro no chão e quando volta chega a tremer! Se é looocoo! Para quem tem





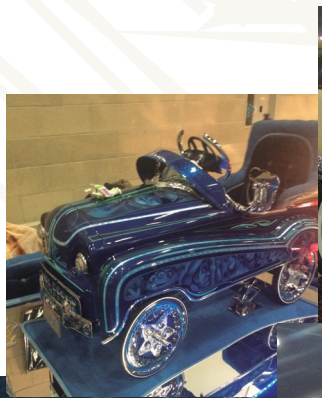
isso correndo nas veias é muito mais que um simples momento, isso vira um marco histórico que arrepia até a alma do magrelo.

Voltamos ao salão principal para explorar cada centímetro desse paraíso, também conhecido como Gangsta Paradise! Andando e olhando carro por carro, geralmente parados um atrás dos outros, tipo uma fila, fui entendendo como estavam organizados e divididos os Cars Clubs, tais como: Majestics, Imperial, Individual, Rolles Only, Nokturnal, Elite, Dukes, Traffic, Showtime, Stylistcs, Impalas, Unidos, entre outros.

Encontramos muitas famílias caminhando com seus filhos, que desde pequenos são acostumados com seus Pedal Cars, customizados com o puro e verdadeiro estilo LowRider com tema Toy Story, por exemplo, triciclo com o tema da Hello-Kitty, bikes aro 20 com o tema de skate. Cada um com a sua imaginação e o mais legal é que ela não tem fim, não existe limite para esse mundo dos LowRiders, o limite esta na sua mente e no seu bolso, pois até mesmo um caminhão foi modificado, assim como as clássicas Harley Davidson e até mesmo os carros mais novos como Dodge modificado para um Rolls Royce, com rodas que acredito serem mais de 30" inch e Cadillac Escalate, não passaram despercebidos.

Carros como o lendário Gypsy Rose, do Imperials CC, e o LowRider premiado em 2013, El Rey, do Elite CC, também marcaram presença nesse importante evento. Ficamos horas e horas, de certa forma "deslumbrados" com essa realidade até então vista apenas nos clipes de rap, filmes do gênero, fotos e vídeos sobre a cultura Lowriding, que nem notamos que já havíamos passado cinco horas lá dentro.

















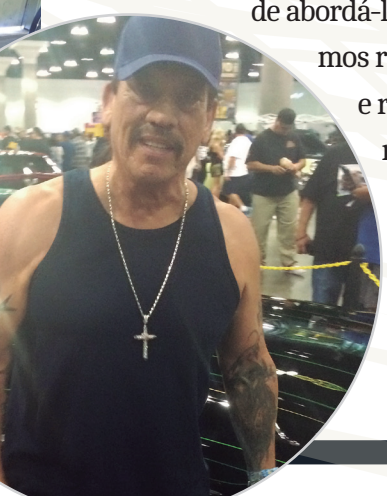








Quando eu achava que já tinha visto tudo, eis que me surprrendo novamente. Caminhando sozinho, com passos rápidos, Estevan Oriol, uma celebridade internacionalmente conhecida nesse Urban LifeStyle, e também fotógrafo, produtor e diretor de vídeos. Sinceramente, eu não acreditei que estava tendo uma chance de falar com ele. Sem assédio de fãs e nem seguranças ao redor, não pensei duas vezes antes de abordá-lo. Conversamos rapidamente e registrei o momento. Fui tratado com muito respeito e humildade.



Continuando minha caminhada, ainda sem acreditar que tinha acabado de tirar uma foto com o Estevan Oriol, eu olho dentro de um stand e vejo nada mais nada menos que o lendário Danny Trejo a.k.a. MACHETE, outra celebridade internacionalmente conhecida pelos famosos filmes que contam um pouco da história latina. Me aproximei e quando ele notou que eu estava ao lado, se virou sorrindo para mim. Muito simpático e simples, ele veio em minha direção e estendeu a mão. Na mesma hora já saiu a foto. Siempre TRUE !!!



Quem me conhece sabe bem, nessa hora o magrelo quase enfartou!!! Mas ainda teve o grand finale. David "Compton" Oropeza, colecionador de tattoos há mais de 40 anos e co-produtor do filme TATTOO NATION – A verdadeira história da revolução da tinta, outra celebridade nesse LifeStyle, que assim como seus amigos Oriol e Trejo, um cara muito humilde !!!

No final do dia eu pude ter a certeza de que até agora nada foi feito em vão e que a história que eu construí com a minha família no mundo dos LowRiders há mais de 15 anos no Brasil, e que agora em Los Angeles, berço dos verdadeiros LowRiders, esta se concretizando....

Gracias Madre !!! Siempre TRUE !!! TheINK !!! VidaNova !!!



Pacheco Neto e Hallan Almeida

Representantes da Revista Rap Nacional em Los Angeles, Califórnia - EUA

FAMILIA CORLEONE



Corleone e O Time dos Monstros che

Por **Elaine Mafra**

O rapper Don cresceu nos Estados Unidos e foi lá que teve seu primeiro contato com o rap. Na gringa, desenvolveu o freestyle e participou de várias batalhas de rimas em inglês. Quando voltou para o Brasil, trouxe na bagagem essa experiência musical, que mesclada a grandes inspirações, como Jay-Z, Tupac, Big, Racionais MC´s e Marcelo D2, fez com que ele desenvolvesse sua própria identidade dentro do rap. "Eu sempre vivi o rap, desde quando eu era moleque nos Estados Unidos. Sou cria do grafite!", relembra Don.

Além de MC, Don é presidente da Corleone Records, uma gravadora musical do Rio de Janeiro que reúne uma equipe de profissionais altamente qualificados e que atua também nos seguimentos de audiovisual, webdesign, fotografia e produção musical. A gravadora tem uma grande preocupação com o lado humano das pessoas, e, por isso usam o termo "família" para definir essa união de profissionais. Valorizar o segmento rap é uma das metas da Corleone Records. "O rap no Brasil é muito desvalorizado, tanto em relação aos cachês como de público", esclarece Don. Ele lembra ainda que enquanto em nosso país o rap é desvalorizado, internacionalmente é um dos estilos que mais movimenta grana. Não é a toa que os principais MCs americanos estão na lista dos homens mais ricos do mundo.

Don esta disposto a quebrar esse paradigma e por isso faz rap para todas as classes sociais. "Eu quero dar um *up* nisso tudo. Quero que o rap atinja um público diferenciado e temos potencial para isso. Podemos ter esse alcance. Eu quero essa porra toda", ressalta". Mas essa preocupação de Don não é só com a música dele e com os artistas da Corleone, a ideia é valorizar o rap como um todo. Segundo Don, para dar esse *up*, como ele mesmo define, é preciso expandir o discurso e não só utilizar as rimas para protesto. "Eu busco não falar de sofrimento e sim de muitas coisas boas. O rap é nossa liberdade de se expressar, de falar sobre vários assuntos, sentimen-



ga para dar um *up* na cena do rap

tos e protestos, obviamente, mas não só isso. Eu acho que enquanto o rap fechar as portas e só querer protestar através da música as coisas não vão mudar", explica.

NOVO EP

Nos próximos meses chega às ruas o EP "Corleone Records e o Time dos Monstros", que reúne uma mescla musical diferenciada, de levadas e estilos, o que confere originalidade ao novo trabalho. Kev Bronw é a atração internacional que participa do EP e representando o rap nacional Cert e Maomé, da Cone Crew Diretoria, que são muito amigos de Don e inclusive os três moraram juntos durante um tempo. Tem ainda Gil Metralha, MC Britinho, Vulgo Sau, Adonai e Coruja BC1. Tem também a presença do funk, muito bem representado por Mr. Catra e seu filho MC Allandin.

Todas as faixas do EP vem com uma pegada *up*, com o BPM bem acelerado para dar ritmo as pistas. Entre as faixas, destacamos "Sabor Cereja", que é um trap pesado e muito sensual. A música conta com participação de Drica Barbosa, que deixa a faixa ainda mais *style*. Outro som pesado e que não pode passar batido é "Marlonbrando", música que traz Cert e Kevin Bronw. Cada um chegou com seu estilo e sua pegada e juntos fizeram dessa uma das melhores faixas do EP. Guangueira pura!

A produção musical do EP "Corleone Records e o Time dos Monstros" foi feita por Devastoprod e DJ Coala. Don explica porque chamou esses dois produtores para trabalharem com ele. "Devasto é um grande amigo que produziu várias faixas. Considero ele um dos melhores produtores do Brasil, assim como o Coala, que é um artista que vem de outra correria e trabalhava mais com a galera do nordeste". E para quem ainda não conhece o trabalho de Don e da Corleone Records ele deixa um recado: "Estamos vindo pesado, com foco e força. Esse novo EP é fruto de mais de dois anos de dedicação, de trabalho sério e diferenciado. Aqui é rap sincero, gangueiro e de verdade, com fé na caminhada, Família Corleone até o fim.

KINGS sneakers

CORLEONE RECORDS

APRESENTA

FAMILIA CORLEONE



É O TIME DOS MONSTROS

LANÇAMENTO EM BREVE.

PARENTAL ADVISORY EXPLICIT CONTENT

CRIAÇÃO AUDIOVISUAL • PRODUÇÃO MUSICAL

WWW.CORLEONERECORDS.COM.BR

OS MAIS NOVOS LANÇAMENTOS NACIONAIS E IMPORTADOS VOCÊ ENCONTRA AQUI:

GRINGOS RECORDS

- ACESSÓRIOS PARA DJs
- EQUIPAMENTOS
- LIVROS
- DISCOS DE VYNIL (Novos)
- CDs e DVDs
- BLU-RAY
- POSTERS E QUADROS

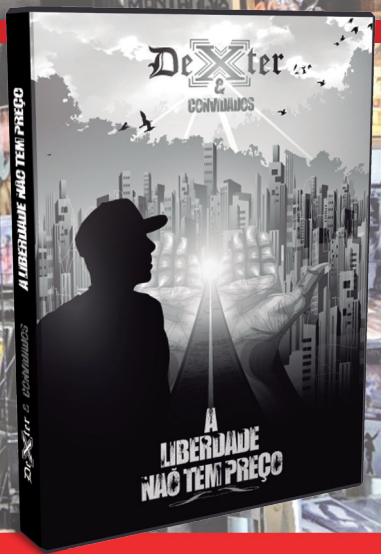
TEMOS OS PRODUTOS DA LINHA RACIONAIS

LANÇAMENTOS









ENVIAMOS PARA TODO O BRASIL! CORREIOS

b!cash

GRINGOS RECORDS

Rua 24 de Maio, 116 - loja 13 - Centro - São Paulo/SP

(11) 3337-8637 - vendas@gringoscds.com.br

www.gringoscds.com.br

www.instagram.com/gringosrecordss



“Kush e garotas” é o EP de estreia do grupo 5 pra 1

Quando cinco talentos se únem é certeza que coisa boa vem por aí. E não foi diferente com o 5 pra 1. O grupo, formado por DJ Will, Renan Samam, Filiph Neo, Dee e Minizu, existe desde 2013 mas foi no finalzinho de julho deste ano que lançou o EP de estreia. O primeiro trabalho recebeu o nome de “Krush e garotas” e reúne seis faixas, incluindo participação de Like, do Pac Div, na faixa “My favorite love song”.

E se você ainda não conhece algum dos integrantes do 5 pra 1, confira um pouco da história de cada um deles:

DJ Will: William Nascimento Simões, começou sua carreira musical aos 12 anos de idade, porém tem contato com o ofício desde muito pequeno. Apreciando e vivenciando a música com seu pai, DJ KL Jay do Racionais MC’s. Desde então coleciona experiência ao lado de diversos nomes do hip-hop.

Filiph Neo: Filipe de Souza Januário é natural São Paulo e vem de uma família de músicos. Desde muito cedo demonstrava interesse pela música e começou cantando, e logo em seguida descobriu o Cavaco como seu primeiro instrumento, passando por diversos outros como teclado, baixo, guitarra, violão e bateria. Aos 11 anos começou a produzir suas batidas. Em 2006 cursou canto popular na Universidade Livre De Música/ Tom Jobim, adquirindo conhecimento de fontes como Magali Mussi, Itamar Colasso, entre outros. Atualmente faz parte do selo coletivo ANONIMVS revelando novos artistas da cena do hip-hop nacional.

Renan Saman: Renan de Jesus Batista iniciou a carreira em 2005 como integrante do grupo 4ª Estrofe, lançando seu primeiro álbum Ritmo E Poesia em 2008. Produtor de duas músicas premiadas no VMB, sendo elas “Então Toma” e “Dedo Na Ferida”. Já trabalhou com grandes nomes da música nacional e internacional. Atualmente trabalha em seu ábum intitulado “23”, com diversas participações, entre elas, dos membros do 5 pra 1.

Dee: Diego Oliveira, ainda criança já transitava com sua mãe em alguns trabalhos que ela fazia como cantora e backing vocal em grupos como Kadoshi, Raça Negra, Royce Do Cavaco e outros. Também por observar seu irmão cantando e o pai que tocava trombone, foi imerso nesse universo musical e decidiu seguir o mesmo caminho. Já na década de 90, aprendeu percussão e montou seu primeiro disco de samba. A experiência fez com que ele criasse relação com outros músicos.
Fez parte dos grupos gospel Lael e Blackness Boys, até meados de 2009 e logo após esse período, Dee se dedicou as rimas com seu amigo de infância, Filiph Neo, formando a dupla Dee X Neo.

Minizu: Lucas Soares de Souza teve contato com o rap desde a infância, em São Mateus, bairro onde cresceu e despertou seu interesse pela música. Iniciou suas pesquisas musicais por volta dos 13 anos e aprendeu a discotecar aos 19, nas oficinas de DJ na Casa do Hip-Hop de Diadema. Desde então, se dedica a propagar a música boa e relativamente desconhecida, fugindo do óbvio e de ser monótono, buscando sempre evoluir e educar o público musicalmente.

Família

$tilo Gangster

Universo dos Patrõe$

DI FORMA MUNDIAL



EMPREENDEDORISMO EM AÇÃO

INOVAÇÃO E COMPROMISSO

TAMO NA ATIVIDADE "DI FORMA MUNDIAL"

COM OS GRAVES TREMENDO O CHÃO

Alastrando os tentáculos da firma

www.familiastilogangster.com.br

APOIO:

AUTO IMPORT

MARTINEZ

SNM... SÓ NA MANHA

Marcelo Caldas
Fotógrafo
Tel. 9 8424 2523 / 5615 5306

www.autocustom.com.br

Sinuca Bar

RIMÁTICO

E O SEU RETORNO ÀS ORIGENS

Foto Hazor Passos

A carreira deste paulistano de 28 anos começou em 2002, quando conquistou o prêmio de “Melhor Letrista no Festival Canta Febem”, com a música “Novos pensamentos”. Neste ano suas vitórias foram múltiplas, pois seu grupo R.3 (Rimas Reais Revolucionárias) ganhou o segundo lugar no mesmo festival e Rimático teve a oportunidade de conhecer PMC, arte-educador das oficinas de hip-hop na Febem, e também DJ Dehco, com quem estabeleceu uma grande parceria.

O jovem rapper foi premiado pelo secretário da Juventude da época, Gabriel Chalita, que ofereceu a oportunidade de um estágio. Foi com esse primeiro emprego que iniciou sua carreira profissional, conciliando sua vida com o rap que tanto ama. “Não fazia ideia do quanto esse homem seria importante na minha vida. Chalita foi como um pai pra mim, me deu oportunidade para crescer na vida com dignidade”, declara Rimático sobre a conquista do sonho do primeiro emprego.

Em 2003 o rapper lançou seu primeiro single na carreira solo chamado “Louca Mensagem”, com participação de PMC e produção de DJ Dehco, e iniciou a turnê pelo estado de São Paulo. No fim do mesmo ano PMC lançou o álbum “Meu Rap É Assim” com uma participação de Rimático na letra e melodia da música “Sem Me Entregar”, que fez grande sucesso no interior de São Paulo e de outros estados. Graças ao sucesso alcançado com a canção, os rappers foram convidados a se apresentarem no Caldeirão do Huck e Projeto Criança Esperança, ambos da Rede Globo.

Durante os três anos seguintes, Rimático e PMC criaram uma parceria no projeto Pê & Rimático, uma inovadora mistura de rap com bossa nova e MPB, que contava com a produção e a direção de Dehco Wanlu. Esta turnê teve diversos shows no estado de São Paulo. Já em 2006, Rimático se aventurou por novos estilos e formou a banda de New Metal Riffunk, cujo single foi lançado em 2008.

Entre 2009 e 2012, trabalhou em parceria com o projeto Synthetic Fusion gravando singles independentes até lançar o primeiro EP “Oxigênio Limitado” em 2012.
2013 foi um ano de reflexões e muitas reviravoltas até retornar ao ponto de partida, às origens, ao Rap. E para marcar esse momento tão importante, Rimatico lançou a Mixtape “Origens - a fonte inesgotável de inspiração”.
Neste projeto seu maior objetivo é atingir o maior número de pessoas em esferas diferentes.

Essa mixtape está disponível para audição e download gratuito no site oficial, ou se preferir, pode comprar no iTunes também.



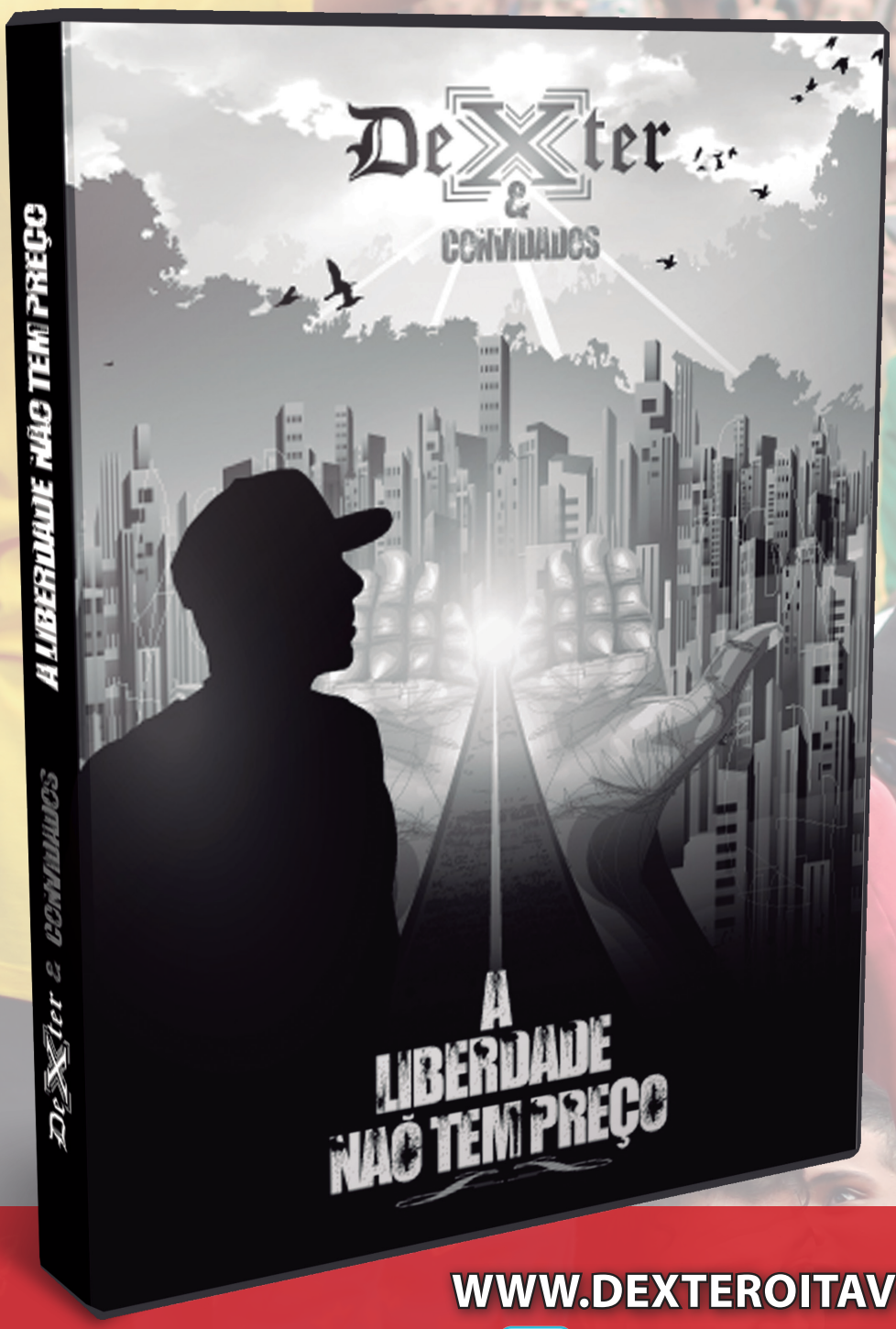
DOWNLOAD EM:
WWW.OXIGENIOLIMITADO.COM

Contato para shows, palestras e imprensa:
shows@oxigeniolimitado.com
Imprensa@oxigeniolimiado.com
(11) 99534 3833

Informações para a imprensa:
Paola Martins companhadaimprensa@gmail.com
(11) 98144 1872 | Facebook.com/companhiada.imprensa

8ANJO
PRODUÇÕES FONOGRÁFICAS

APRESENTA:



O DVD MAIS AGUARDADO DO RAP NACIONAL

Participações Especiais

DJ Cia
Dj Hum
Dj Kl Jay
Max B.O.
Ao Cubo
Katinguelê
Juninho do Banjo
Thaíde
Edi Rock
Seu Jorge
Paula Lima
Guilherme Arantes
Pinha
Terra Preta
Função
Mano Brown
Péricles

WWW.DEXTEROITAVOANJO.COM.BR

RAPPERDEXTEROITAVOANJO
DEXTER8ANJO
DEXTER8ANJO



Pista em perigo?

Chame o Tropkillaz

Conhecidos e reconhecidos no hip-hop, a dupla brasileira faz o mundo dançar ao som do trap

Por **Guylherme Custódio** Fotos **Divulgação**

A dupla, sem dúvida, é dinâmica. Um deles é experiente e já trabalhou ao lado de grandes heróis. O outro é um menino prodígio. Trabalham normalmente à noite, com a cabeça abaixada, com os rostos escondidos, ou espreitando para ver como está o movimento. Durante o dia passam o tempo preparando suas armas. Apesar da semelhança com Batman e Robin o Tropkillaz vai muito além dos quadrinhos e o seu local de atuação é imensamente maior do que Gotham City.

No momento a dupla Tropkillaz está em turnê por Estados Unidos e Canadá. Em agosto é a vez de a Europa recebê-los. A Ásia está na agenda de outubro. O segundo semestre é também a chance de ver Zegon e Laudz atuando em casa, no Brasil.

Caminhando mundo afora, o passo mais importante dado pela dupla, que reúne um paulistano e um curitibano, foi dado em um campo de futebol americano. Em fevereiro deste ano o intervalo do Super Bowl teve a exibição de um comercial com a trilha sonora criada pelo Tropkillaz. O



resultado foi um tiro que atingiu mais de 100 milhões de pessoas no mais importante evento esportivo para os americanos.

Se hoje a música do Trokillaz está presente no mundo inteiro, eles continuam trabalhando como no passado. A dupla diz desenvolver o seu som com a mesma determinação que sempre teve e que os levou até onde estão. “Não acho que a responsabilidade mude por causa do reconhecimento. Sempre fomos muito exigentes. O termômetro de saber se o som está bom é estar batendo nas pistas, pau a pau com outros sons que nós tocamos, e imaginar se o som tem nível para outros DJs e para nossos DJs favoritos tocarem nosso som”, diz Zegon.

Como se vê, para que a música chegasse a caminhar pelos ouvidos do mundo muita correria se passou. “Ter o trabalho reconhecido é muito gratificante e faz ter valido a pena todas as noites sem dormir, todo o suor gasto no trabalho. Mas não quer dizer que se não tivesse acontecido não faríamos tudo de novo”, comenta DJ Zegon.

TRAP MUSIC

Apesar de ter uma carreira irreparavelmente reconhecida no rap brasileiro, tendo Zegon uma grande atuação como DJ e Laudz estando presente no panteão dos produtores, a maior parte do público do Tropkillaz está nos Estados Unidos e na Rússia. A possível explicação para que a maior parte do público esteja longe da nossa pátria mãe gentil é o fato de o trap, ritmo ao qual o Tropkillaz se dedica, seja mais popular nestes outros países.

Mas o Brasil não está fora da rota do trap, estilo de música eletrônica surgido no começo dos anos 2000 com influência do crunk, o hip-hop do sul dos Estados Unidos. Segundo Zegon o estilo vem se desenvolvendo no país sendo carregado pelas mãos dos DJs, dos quais 9 entre 10 tocam o gênero nas festas de rap, injetando groove e peso nas festas. Além disso, o DJ explica que o gênero “fez algo mais legal que isso, juntou o público do rap e da música eletrônica e vice-versa”. Zegon diz ainda que com o tempo o público irá entender melhor esse ritmo. “É inegável. As músicas são envolventes e são a pura evolução do rap”, diz.

Embora pareça haver uma diferença entre o rap e o trap o produtor André Laudz não vê uma distância entre os estilos. Sem dificuldades para se ambientar fora do rap, o beatmaker já desenvolvia o estilo antes mesmo de ser rotulado como trap. “Não gosto de rotular, música é música independente de estilo, eu gosto de trabalhar em tudo aquilo que me agrada, e o *bass* foi algo que sempre atraiu minha atenção”, comenta Laudz.

A união faz a música

A rotina de trabalho a quatro mãos é feita como qualquer banda ou grupo. A música vai de um lado para o outro até o resultado final explodir. Normalmente um dos dois propõe o tema ou uma ideia de *sample* e o outro complementa. Às vezes é Laudz quem puxa primeiro e Zegon faz os vocais e alguma variação. Em outras ocasiões é o veterano que dá o *start* e o mais jovem complementa. “Rola um ping-pong legal”, explica Zegon.

A união de toda a história de Zegon a um dos principais frutos da nova safra se tornou possível por conta de uma convergência de gostos e influências. Se engana quem pensa que a idade é uma barreira, muito pelo contrário, é justamente ela que faz emergir o talento da dupla. “Trabalhar com Zegon é muito louco! A nossa diferença de idade é que faz o diferencial na nossa música”, afirma Laudz.

Já para Zegon, que já teve tanto parceiros mais novos quanto mais velhos, a diferença etária é um aprendizado constante. “Acho que na música e na arte não existe barreiras de idade. O Laudz é muito prático e traz uma nova energia. É um ciclo, passo o que eu aprendi com os mais velhos e aprendo com os mais novos. Sem dúvida a combinação velha escola e nova escola, usando o melhor de cada, faz toda a diferença no nosso trabalho”, comenta.

Além da união de ideias e ideais, outro elemento frequente nas músicas do Tropkillaz é a presença de *samples* latinos, mas isso não é regra, tanto é que as músicas com maior repercussão no exterior não são aquelas que têm tons latinos ou brasileiros. Mas a dupla não nega as suas raízes. “De qualquer forma essa é uma grande fatia das nossas influencias, somos latinos com muito orgulho, tá no sangue e no nosso swing, mesmo quando não usamos *sample* em nenhum na musica”, resalta Zegon.





Brincadeira séria

Tudo começou do nada, sem grandes pretensões. O pontapé inicial foi dado com a criação de um nome que faz um trocadilho com "tropical" e o lançamento de uma música nas redes sociais da dupla. Bastaram poucos dias para milhares de plays aparecerem. A brincadeira foi legal. A dose se repetiu nas semanas seguintes. Foi um som por semana, até o aparecimento de "Mambo", música que explodiu nos blogs do mundo inteiro.

Antes disso a dupla vinha trabalhando junto há dois anos. No final de 2012, Laudz pensava em lançar uma mixtape de bass music e trap, mas foi convencido por Zegon a cancelar os planos: "Falei: mixtape que nada... Vamos lançar uma música/beat pros DJs tocarem, algo original". Deu no que deu.

No princípio do projeto a ideia era não comercializar as músicas, apenas disponibilizar gratuitamente, e assim foi. O resultado do que foi dado é colhido agora, por meio do reconhecimento e dos shows que a dupla faz em todo o mundo. Além disso, o Tropkillaz já vendeu algumas de suas músicas, fez remixes para grandes artistas e licenciaram sons para filmes e comerciais. O resultado que veio deste trabalho inicial é o fruto de mais de 50 músicas por ano que a dupla já disponibilizou gratuitamente. "Nossa primeira intenção era evoluir, criar um publico", delara Zegon.

Como pode ser visto a olho nu, a ideia inicial de criar um público deu bastante certo!

O som do futuro

Recentemente a dupla colocou na rua o seu primeiro trabalho "oficial", a mixtape "Tropikal Bass Killers". A receptividade tem sido muito boa do trabalho em que optaram por mostrar o que está por vir. O primeiro mix traz 25 músicas inéditas e outras exclusivas de alguns amigos e colaboradores próximos, além de futuras colaborações que virão. A avaliação da dupla para o primeiro trabalho é a melhor possível. "Foi ótimo por que juntamos material para ser lançado durante o ano todo e criou expectativa no público e outros DJs em terem essas músicas inéditas", explica Zegon.

Entretanto, se na primeira mix há sinais do que virá é este o máximo de indícios que podemos ter até agora. A dupla prefere não revelar quais são os seus planos, deixando para que todos vejam e ouçam somente depois de tudo estar pronto. Mas ainda assim há motivos para esperarmos. "Temos coisa grande vindo em seguida", finaliza Zegon.

#RAPRJ





Foto **Sérgio Blazer**



Por Mandrake

"O Rio de Janeiro continua lindo!" A frase de Gilberto Gil é de 1969 mas ainda ecoa e continua sendo cantarolada por milhares de brasileiros. E nesse momento, ela não saí da minha cabeça. A cidade maravilhosa é considerada um dos berços do samba, foi aqui que surgiram nomes como Cartola, Dona Ivone Lara, João Nogueira, Bezerra da Silva, entre vários outros. Influência para toda uma geração, o samba serviu de alicere também para o rap carioca, que herdou toda a malandragem da velha escola da música negra.

O som que marca nossos passos é do martelo batendo, a cada passo que dou noto algo diferente na velha Lapa, que aos poucos vai sendo reformada para receber os turistas que vão lotar o Rio de Janeiro durante a realização da Copa do Mundo no Brasil. O visual do principal berço do rap carioca esta camuflado, até os arcos que já estavam sujos e consumidos pela ação do tempo estão sendo pintados a fim de voltar a sua cor original de quando foram construídos em 1973.

Um flashback passa na minha cabeça! Lembro das noites enfumaçadas de sexta e sábado que já passei por aqui. Lembro de alguns amigos do Rio, das conversas intermináveis regadas a tequila e cicarellis (cerveja da marca Skol de 500ml que possui o gargalo maior). A Lapa sempre foi linda e sua arquitetura antiga marca a paisagem urbana deste ótimo ponto de encontro. Fonte de inspiração para quem busca beber da fonte cultural. E não é de hoje que músicos e bohemios bebem aqui. A Lapa já é ponto de encontro desde a velha guarda do samba, que se reunia no início do século para trocar ideias e mostrar suas músicas. De certa forma, essas raízes antigas serviram para sustentar e dar força ao rap do Rio de Janeiro. Afinal, daqui que saiu grande maioria dos talentosos MCs cariocas que hoje são conhecidos em todo o Brasil e até lá fora.

Marcelo D2, que já colava na Lapa antes mesmo de ser MC, lembra no documentário LAPA que: "O rap do Rio de Janeiro sempre teve aqui na Lapa, nasceu aqui... Tinha um encontro que se chamava Rio Radical Raps, tinha também a banda do MV Bill que não lembro o nome, mas acho que era Filhos do Gueto, eles colavam aqui. Eu e o Skunk formamos o Planet e a gente circulava por aqui também. Gabriel o Pensador também vinha pra cá. Os cara tinham na rua da Lapa, na ACM, uma parada que eles se encontravam ali e tal. Dali saiu o primeiro disco de rap do Rio, o Tiro Inicial."

Continuo andando pela rua Joaquim Silva, onde rola a principal movimentação do bairro da Lapa. Não tem como passar pela Escadaria Selarón e não lembrar do videoclipe que Snoop Doog gravou no Rio de Janeiro, em 2003. Queria sentar e ficar um tempo aqui, lembrando dos bons momentos, mas preciso me apressar! A sessão de fotos para a capa desta edição está marcada para as 15h e faltam apenas 10 minutos. O ponto de encontro com o pessoal são os Arcos da Lapa. O Sol de rachar aquece nossas mentes ansiosas para cumprir a missão! Ao atravessar a rua avisto o famoso Circo Voador, palco de grandes eventos. Continuamos seguindo e paramos próximo a Fundição Progresso, por ali acontecia nas antigas a Batalha do Real — primeiro duelo de rimas do Brasil — responsável por revelar grande parte dos rappers que hoje estão em evidência. A nova escola do rap carioca, que nem é tão nova como muitos pensam, batalhou rimas durante um bom tempo nesta escola rueira antes de conquistarem o reconhecimento. Eles enfrentaram preconceitos dentro do próprio rap e muitos foram tachados como "modinha". Mas o tempo provou que o talento e a dedicação são mais fortes do que qualquer vento contrário.

Numa dessas minhas andanças pela Lapa, tive a oportunidade de conhecer o Aori, fundador da Batalha do Real. [leia entrevista na página ao lado]. Foi em 2006, na época vim ao Rio de Janeiro realizar um ação de marketing para uma marca de hip-hop. O encontro com Aori rolou num sinucão, foi lá que descobri que a batalha tinha esse nome porque cada competidor colaborava com R$ 1,00 e o ganhador da noite faturava a bolada.

Depois de alguns minutos imerso em meus pensamentos, observo um pessoal chegando lá no início dos Arcos. Pelo gingado e estilo tenho certeza que são do rap. A princípio, achei que



Foto: Henrique Madeira

fosse o D2, mas é o Stephan, que também é conhecido no rap como Sain. Ele chega acompanhado de alguns amigos do bairro que ele mora, o Catete. A semelhança do moleque com o pai é muito grande! Eu, que conheci o D2 quando era mais novo, quase confundo o filho com o pai. No celular, me comunico com a assessora de Marcelo D2, do Filipe Ret e com o pessoal da Cone Crew Diretoria. Aproveito para trocar algumas ideias com o Stephan! Mas logo nosso papo e risadas são interrompidos, o restante do pessoal acaba de chegar.

Depois de algumas horas, iniciamos a sessão de fotos. O fotografo Sérgio Blazer começou os trabalhos com o Ret, depois Marcelo D2 e Stephan. Fotografamos também a Cone Crew Diretoria e cada um dos seu integrantes: Maomé, Ari, Papatinho, Batoré e Rany Money. Só faltou o Cert que não pode comparecer. Na sequência, reunimos toda a galera para fazer a foto da capa. Confesso que juntar tanto maluco numa mesma foto não foi tarefa das mais fáceis. Mas valeu a pena! No período em que estivemos com esse time de peso percebemos que há entre eles uma grande amizade e muito respeito. Não há como negar que Marcelo D2 foi e continua sendo influência para todos eles.

Além das fotos, nosso encontro com Cone Crew Diretoria, Stephan, Marcelo D2 e Felipe Ret rendeu também reportagens e entrevistas. Sei que eles são apenas uma parte do imenso cenário que há hoje no rap carioca e quero esclarecer que se fossemos falar sobre cada grupo ou MC que ajudou a construir e elevar o rap no Rio de Janeiro, assim como outros que estão começando agora e já somam com a cena, precisaríamos não de uma revista, mas sim de uma enciclopédia. Escolhemos esses representantes para esta edição, porque neles vimos o velho e o novo se misturando. Uma mudança de geração sem conflitos. Stephan, Felipe Ret e os moleques da Cone cresceram ouvindo D2 e hoje dividem o palco com ele. Isso é união, evolução, continuidade, legado. Enfim, é o rap se renovando sem abandonar suas raízes.

Aori Sauthon

Fundador da Batalha Real fala sobre o evento e a cena do rap



Aori, quando você começou no rap e como?
Eu comecei no rap através de um amigo da minha mãe, chamado Humberto. Quando eu comecei a me interessar ele me levava nas reuniões da Atcon, que foi a primeira crew de hip-hop do Rio, lá na CDD. Ele me apresentou ao MV Bill, na época eu tinha 15 anos.

O rap carioca nasceu na Lapa?
Eu sempre digo isso, porque o centro era o ponto de encontro comum de toda a galera da cidade. Mas existiam focos na CDD, ZN, Morro Dona Marta... Mas para a minha geração "zoeira" o hip-hop com certeza nasceu e cresceu na Lapa.

Diferente da maioria dos rappers paulistas, que não gostam de associar o rap com o funk, grande maioria dos rappers cariocas afirmam que tem influência do funk e que ambos os estilos andam lado a lado. O que você diz sobre isso?
Cara, o funk é parte da nossa vivência, não dá pra fugir. Os primeiros funks eram raps. O rap e o funk são faces da mesma moeda. Não da pra separar. Tem hora pra pensar, tem hora pra zoar, tem hora pra rebolar. Tudo a seu tempo. Quem tentou separar o rap e o funk foi muito infeliz e agora está correndo atrás.

Você é um dos fundadores da Batalha do Real. Qual foi a influência deste evento para a atual cena do rap carioca?
Os principais MCs de hj passaram pela BDR. A importância é que democratizou o acesso ao mic. Muita gente criou sua fanbase, vencendo batalhas! E a história continua...

Como, onde e quando surgiu a Batalha do Real?
A batalha surgiu em 2003 , fase pós zoeira. Numa noite de tédio no estúdio da Brutal, na Lapa, o campo de concetração.

A galera desceu com as caixas e toca discos na mão, invadimos a sinuca do baixinho, e assim nascia um clássico

Quais rappers que estão em evidência hoje surgiram lá?
Akira, Start, Cone, Rashid, Projota, Emicida, Flora , P,10 , enfim todos os caras que estão no topo hoje passaram por lá!

A batalha continua acontecendo? Como esta hoje?
Sim! Hoje a cena, inspirada na do Real, se expandiu pelo Brasil todo. E a batalha do Real é a principal referência.

E você o que anda fazendo?
Acabei de gravar meu EP solo. Vai chamar Anaga. Trabalho no marketing da Nike do Brasil, e estou sempre inventando moda.

Quais os seus projetos futuros?
Estou lançando um selo em parceria com o pessoal do Apavoramento Soundsystem para lançar novos talentos! Os primeiros projetos são intr4pi4 tr00p – com o Marcão Baixada e as Ladies Gang, um grupo de rap muito foda. Vocês não vão acreditar !!

Tamo junto pelo crescimento da real cultura hip hop !!

Foda se os fakes !!!



Marcelo D2

Por Elaine Mafra e Mandrake Fotos Sérgio Blazer

Certamente você conhece as músicas de Marcelo D2 e já ouviu falar bastante sobre ele. Mas dessa vez, você terá a oportunidade de conhecer não só o D2 e sim a história de Marcelo Maldonado Gomes Peixoto, o filho do seu Dark e dona Paulete. Cria do suburbio do Rio de Janeiro, nasceu em São Cristovão, cresceu em Maria da Graça e aos nove anos foi morar no Andaraí. Foi lá, que por questão de sobrevivência, aprendeu a malandragem das ruas, já que no primeiro dia foi assaltado por uns moleques com canivete.

D2 lembra que nunca passou fome, mesmo num período em que seu pai ficou desempregado, sempre tinha um ovo e um feijão. Num Natal mais pobre, o pai inventou brinquedos de papel para presentear Marcelo e a irmã. A vida não era fácil, mas a dedicação dos pais fizeram com que o jovem Marcelo "tirasse onda", desde sempre. Depois da separação dos pais, ele começou a roubar em lojas de departamento e sempre chegava em casa com mochilas cheias de produtos. Foi num desses dias que ao voltar para casa encontrou seu pai. "Tu é homem já, fica cheirando essas coisas, fumando esses negócios, bebendo cachaça. Só vou te bater como homem, não como pai", esbravejou seu Dark, que nunca tinha sido de bater nos filhos. A ira do pai fez com que Marcelo parasse de zuar nas lojas e arrumou emprego de vendedor, porteiro, camelô e chegou até a servir o Exército.

A vida de Marcelo seguia conturbada, problemas pessoais, falta de grana e sem muitos objetivos, igual a de tantos outros jovens. Mas ele sabe exatamente o instante que sua vida mudou de rumo. Marcelo caminhava na rua com uma camiseta do Dead Kennedys e Luis Antônio, o Skunk, vendedor e artesão de camisetas de rock, falou: "Aí você gosta de Dead Kennedys? Então toma essa fita aqui." Era um cassete de uma banda obscura chamada Dread Flintstones. "Amanhã você me devolve." Desse diálogo sem pretensão nenhuma, nasceu uma amizade e uma vocação. O sonho de ter uma banda e passar uma mensagem para multidões era de Skunk e ele convenceu o amigo que isso era possível. Marcelo fez do sonho de Skunk o dele também, ainda mais quando o amigo morreu em 1994. Ele era o vocalista do Planet Hemp no início da década de 90, mas não viveu para ver a banda estourar no Brasil inteiro e em outros países.

O disco de estreia do Planet Hemp "Usuário" foi lançado em 1995, Com um som pesado, letras carregadas de gírias cariocas e que defendiam abertamente a maconha, vendeu mais de 140 mil cópias e ganhou disco de ouro. Os outros três álbuns do Planet Hemp também foram sucesso, mas em 1998 D2 lançou "Eu tiro é Onda", seu primeiro disco solo, e começou ali uma nova caminhada. Em 2013 lançou "Nada Pode Me Parar", sexto álbum solo da carreira.

Depois de ousar no samba, o mais novo trabalho de D2 é um autêntico disco de rap, que tem samples de artistas variados como Milton Nascimento, Ivan Lins e Raul Seixas. O álbum ganhou videoclipe de todas as 15 faixas. O disco é tão surpreendente que tem até canções que falam de amor, como "Você Diz que o Amor Não Dói" e "Feeling Good". A junção com os parceiros da Cone Crew Diretoria rendeu a empolgante "Fella", quem tem ainda Akira Presidente e Shock, da banda Start, que também tem como integrante Stephan, filho mais velho de D2.

E por falar nos filhos, o amor recebido dos pais lhe serviu de inspiração para se dedicar aos seus quatro filhos e hoje também para sua primeira neta, filha de Stephan. A história desse guerreiro é repleta de desafios, que foram superados com muita calma. Ele trilhou uma estrada diferente dos outros rappers, misturou, inovou e não teve medo de ousar. D2 venceu as barreiras do rap e do preconceito e atingiu um público muito mais amplo. Sua música é feita para circular nos guetos e nos jardins, sem perder a identidade de quem cresceu no suburbio.

Mas agora, chega de falar do D2. É hora dele mesmo contar um pouco mais sobre sua história, experiências musicais, pontos de vistas e aspirações para o futuro. Com vocês: Marcelo D2!

Revista Rap Nacional: Aos 45 anos de idade você se sente mais a vontade para escrever sobre o que quiser?
Marcelo D2: Cara, eu sempre me senti a vontade, sempre falei de tudo o que eu quis, sempre falei sobre assuntos que estão em volta da minha vida. Depois de tanto tempo é mais difícil você não se repetir, não escrever as mesmas coisas sempre, ainda mais eu que já fiz tanto disco, juntando com os do Planet Hemp são nove, sendo sete discos de inéditas com 16 músicas cada um. É música pra caramba! E não se repetir nos assuntos é o maior desafio, mas eu gosto de escrever sobre tudo. Agora estou escrevendo até sobre amor, que era uma coisa que eu nunca tinha feito.

Onde você buscou influências para fazer o disco "Nada Pode Me Parar"?
Marcelo D2: De uma certa maneira, é uma forma de agradecer ao hip-hop. O rap já fez muito por mim! Eu trabalhei tanto nesse meio, para que o rap nacional tivesse uma identidade, ao invés de ficar copiando americano, sampleando coisas dos Estados Unidos, que é legal pra caramba, mas que os cara lá já fazem. Eu procurei uma identidade minha dentro do samba, dentro da música brasileira, então eu ganhei muito com isso. Não só grana, mas eu cresci muito como homem, como ser humano, então eu achei que era a hora de agradecer a cultura hip-hop. Chamei os beatmakers, hoje em dia tem muita gente fazendo batida boa por aí, chamei uma porção de cara, alguns que eu já tinha trabalhado e outros que não. Chamei o meu filho, o Nave, o Nuts que produziu o meu primeiro disco solo. Chamei o Renam Samam, que eu nunca tinha feito nada com ele, e de uma certa maneira nasceu um disco de hip-hop. O hip-hop salva vidas!

Você já tinha a ideia de fazer clipe para todas as faixas?
Marcelo D2: Antes do disco, eu queria fazer uma coisa diferente. Como era meu nono disco, eu queria mudar um pouco, tava cansado daquela coisa "Vamos lançar mais um disco, fazer turnê e pá". Eu queria ter alguma coisa nova, a gente fez a pop Up Store, a lojinha que tinha os bonés, meio que uma galeria com tudo limitado, com série assinada, tipo uma galeria de arte e eu poderia mostrar os vídeos lá. De uma certa maneira, o disco é uma trilha sonora dos clipes. Algumas músicas eu fiz para fazer o videoclipe mesmo. Por exemplo, estávamos indo para Angola e eu queria fazer um clipe lá, então escrevi a letra de "Você diz que amor não dói" no avião.

Revista Rap Nacional: Como foi a repercussão do Dia do Clipe, um ato inédito dentro da música?
Marcelo D2: A repercussão foi ótima! A ideia inicial era lançar o disco junto com os clipes, mas não conseguimos. A gravadora tava meio enrolada, então lançamos apenas o disco. Já estava nos meus planos também lançar um DVD ao Vivo, então aproveitamos esse lance das redes sociais, hoje em dia essa coisa é muito mais democrática, a pessoa pode ir lá e ver. Tínhamos nosso horário toda quinta-feira, lançamos um clipe por semana durante 12 semanas. De uma certa maneira acho que é mais fácil pra galera ter acesso do que lançar numa TV, ali fica na internet, tá lá no Youtube, na minha página, quem quiser vai lá e vê na hora que quiser, pode comentar e tal. Acho que foi uma maneira democrática de lançar esses clipes, deu muito trabalho, 15 clipes não é mole não, viajamos o mundo. Deu muito certo!

> "A resposta do público é muito boa, mas mais do que a resposta, eu acho que é você ter o seu canal direto com eles, sem precisar de ninguém nesse meio fazendo aquele telefone sem fio!"

Podemos falar que "Nada Pode Me Parar" foi o trabalho mais completo que você já fez?
Marcelo D2: Acho que sim! Em termos de mídia, lançamos em vários formatos e ainda tem muita coisa que eu quero fazer no disco até o lançamento do DVD. Vem algumas surpresas por aí... Não morreu ainda não.

Na era das redes sociais, como você encara o feedback do público direto com você?
Marcelo D2: A resposta do público é muito boa, mas mais do que a resposta, eu acho que é você ter o seu canal direto com eles, sem precisar de ninguém nesse meio fazendo aquele telefone sem fio! É bravo, eu falar uma coisa pra você, você fala pra outro, o outro fala pra outro, chega lá no ouvido do quarto, já não é a mesma coisa, então eu posso falar diretamente pro cara o que eu estou pensando. Eu acho que essa é a melhor coisa da internet hoje em dia, goste ou não de ouvir o que eu falo.

Tem muito grupo que seguiu o Marcelo D2 como influência, ainda mais na cena do rap carioca. Como você vê essa nova geração do rap?
Marcelo D2: Cara a gente passou por um hiato, um momento sem nada. Ficou uns dois ou três anos sem acontecer muita coisa. Acho que o que tá acontecendo agora tem muito a ver com a internet também. Os cara podem fazer videoclipe, uma porção de coisas. Emicida, por exemplo, foi pioneiro nisso aí. Foi um grande empreendedor, fez a empresa dele e bombou no twitter, no Youtube. Acho que foi um cara que começou essa onda da nova geração. Essa galera tem essa ferramenta em mãos e não precisa de jabá de rádio, não precisa de gravadora, não precisa de ir em televisão, de fazer nada disso. Alguns tem três milhões de seguidores e quase ninguém fora do rap os conhece. Isso é muito bom, pois é segmentado. Acho que essa



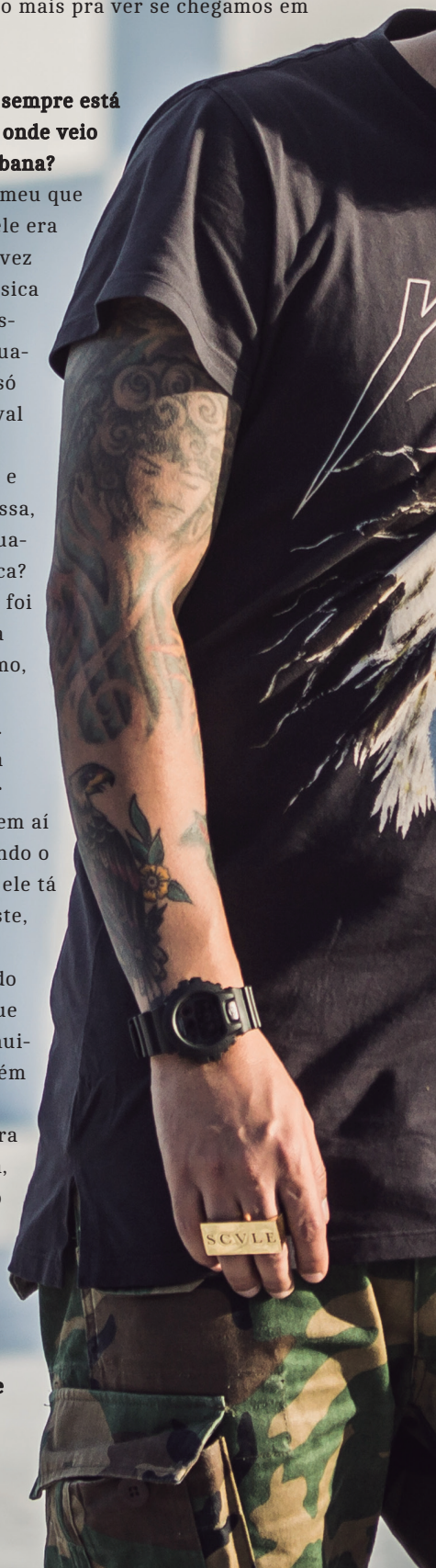
galera tá fazendo a coisa certa com a ferramenta que tem em mãos. O rap do Rio de Janeiro não é melhor nem pior, é diferente. O Rio é uma cidade que tem Sol. O Brasil de certa maneira é um lugar muito inspirador para quem escreve poesia, pra quem escreve rap, principalmente para quem faz música questionadora, de constentação. O Rio de Janeiro tem muito disso, uma cidade maravilhosa, linda, bonita pra caramba, mas cheia de violência e desigualdade social. Ainda morre gente de fome no Rio de Janeiro, no Brasil. Acho que pra quem escreve rap é uma coisa inspiradora, as vezes é meio triste, mas é um pote cheio de coisas pra escrever. Essa molecada nova, Cone, Start, o Ret, aqui no Catetê tem uma cena muito maneira, que tá acontecendo. Acho que tem muita coisa boa aqui no Rio de Janeiro que reflete, um pouco nisso tudo que eu falei. A internet, a coisa do Rio ser uma cidade tão ímpar, de ser uma cidade tão bonita e ser tão violenta e suja ao mesmo tempo, isso pra fazer rap é ótimo.

Como é o D2 pai? O Stephan no caminho do rap te orgulha?
Marcelo D2: Pra caramba! Pô, ele subiu no palco a 20 anos atrás, no Circo Voador, abrindo o show do Planet Hemp, falando: "Senhoras e Senhoras, Planet Hemp, a banda do meu pai". Isso é legal pra caramba. Eu acho que assim, o lado que ele seguiu da música, eu não falo nem só de rap, eu acho que a música nele, a arte, tá bem dentro dele, com a música, com o cinema, com as artes plásticas. Esse caminho é ótimo pra vida dele, mesmo que depois ele venha a não querer mais fazer música, o que eu acho meio difícil, porque já tá lá dentro dele, ficou uma coisa boa nele. A arte liberta, tira um pouco daquela coisa da mula burra que vai andando só pra frente. Abre um pouco a mente, e se abre a mente a felicidade vem ou o mundo vai atrás.

> "A arte liberta, tira um pouco daquela coisa da mula burra que vai andando só pra frente. Abre um pouco a mente..."

No passado você já foi criticado e preso por defender a maconha. Hoje o pessoal fala sobre isso mas não sofre aquela repressão que você sofreu lá no início. Você se sente responsável por essa evolução?
Marcelo D2: Um pouco sim. A gente começou a falar sobre isso a muito tempo atrás. Hoje vivemos num mundo mais liberal do que há 20e poucos anos. Tudo esta um pouco mais tranquilo. O pessoal consegue dar mais opinião do que a 20 anos atrás. Naquela época tínhamos acabado de sair de uma ditadura, no começo da década de 90 os coronéis ainda estavam por aí, mandando e desmandando e queriam mandar pelo resto da vida, não queriam largar o osso nem fudendo. Mas a gente foi lá e falou: "Não amigo, agora acabou a festa de vocês, é a nossa vez de falar". Sobre critica, eu acho que quem faz rap não tem que ter medo de ser criticado, porque o rap não é pra agradar é pra falar o que você tem guardado dentro do seu coração, pra fazer o que você tá a fim de fazer. O rap não tem que ter medo de nada não. Me sinto um pouco responsável, como todo mundo que veio a 20 anos atrás tava fazendo alguma coisa interessante pra mudar. Acho que tenho um pouco de responsabilidade, mas eu não mudei o mundo sozinho não, cada um vai mudando um pouquinho do seu mundo e no final de cada dia a gente vai conquistando mais coisas, aprenndendo um pouco mais pra ver se chegamos em um lugar melhor.

Você coleciona tênis, bonés e sempre está por dentro das novidades. De onde veio essa sua paixão pela moda urbana?
Marcelo D2: Tinha um primo meu que tinha uma jaqueta de couro, ele era bem roqueiro. Foi a primeira vez que eu percebi o quanto a música tinha o poder de mudar as pessoas. Uma vez ele foi pra Saquarema, sem dinheiro, só pra assistir um festival de rock. Eu era bem moleque nessa época e fiquei pensando: "Nossa, o cara vai lá pra Saquarema pra ouvir música? Que porra é essa?". E foi aí, através da jaqueta de couro do meu primo, que entendi a roupa diz muito sobre você. Quando o cara coloca qualquer roupa, quer dizer que o cara tá nem aí pra porra nenhuma. Mas quando o cara quer falar alguma coisa, ele tá preocupado com o que ele veste, com o tênis que ele bota. Isso depois com o skate, e depois do skate, com o hip-hop. Eu vi que tudo isso tinha uma função muito grande, de você falar também com a sua maneira de vestir. Acho que isso é importante pra caramba, mais do que fashion, é o estilo que você tem. Estilo é tudo! O cara que não tem estilo, não tem nada amigo.



O Brasil esta passando por uma onda de manifestações. Você é a favor? Você acha que o povo unido pode mudar o Brasil?


BLACK
1998





Marcelo D2: Eu acho que pode pra caramba! Eu pensei que não iria ver isso na minha vida, o povo brasileiro na rua desafiando o status quo, desafiando o poder. Foi bonito pra caramba. É lógico, o povo tem que ir pra rua e eu canto isso há 20 anos, vamo pra rua, vambora. Nós também estávamos lá tomando porrada da polícia. Quer mudar? Tem que ir pra rua... Tem essa molecada que fica no Facebook, no Twitter, que dá opinião sobre tudo, mas que não faz porra nenhuma, se não for pra rua, não vai dar jeito cara!

Como estará o rap e o D2 daqui a 10 anos?
Marcelo D2: Primeiro o rap é o último movimento de contestação que apareceu, não apareceu nada igual ainda. Depois do punk rock foi o rap. Acho que não apareceu nada assim, que

> "Acho que tenho um pouco de responsabilidade, mas eu não mudei o mundo sozinho não, cada um vai mudando um pouquinho do seu mundo e no final de cada dia a gente vai conquistando mais coisas, aprenndendo um pouco mais pra ver se chegamos em um lugar melhor"

realmente fosse um som de gueto. A cultura hip-hop, e a música rap principalmente, dominou o mundo! Eu já fui em 25 países e em todo lugar tem um moleque fazendo rap. É incrível! Eu acho que ainda tem muita força e muita coisa pra ser feita. Porque aquele rap que nasceu lá nos Estados Unidos, em Nova York, aqui ainda tem um caminho muito longo. No Brasil ainda tá bem no começo, imagina o rap da África, o rap da Ásia. Acho que ainda tem um caminho muito grande, principalmente nos lugares mais pobres, porque quando eu comecei a fazer rap, no início da década de 90, não tinha computador em casa e hoje em dia aqui no Brasil, por exemplo, todo mundo tem e da pra fazer batida, porque o rap é uma música eletrônica, e ainda tem muito isso no mundo inteiro. Aqui tem pouco tempo que a molecada tem acesso ao computador mesmo. Essa molecada que está crescendo na era digital vai ter mais sagacidade pra mexer nas batidas e fazer. Vamo vê cara, eu acho que tem uma vida longa e tá só começando a história do rap no mundo. Sabe coé?



1993

O início do **Planet Hemp**



A banda surgiu num encontro entre Marcelo D2 e Skunk pelas ruas do Rio de Janeiro, no bairro do Catete. D2 usava uma camisa de banda hardcore quando foi abrodado por Skunk, artesão e vendedor de camisetas de rock. Alí deu início a um diálogo que se transformou em amizade. Skunk falava de música todo o tempo e nesse foi nessa época que D2 resolveu que queria ser músico. Originalmente formada por D2, Skunk, Rafael Crespo, BNegão, Formigão e Bacalhau, a banda era para ser de rock, mas nenhum deles sabia tocar qualquer instrumento, por isso optaram pelo rap. O nome Planet Hemp foi tirado da revista americana High Times, especializada em cultivo de maconha.

Presos por **apologia** as Drogas

Os seis integrantes da banda carioca Planet Hemp foram libertados nesta quinta-feira à tarde graças a uma decisão do Tribunal de Justiça do Distrito Federal, que encontrou erros técnicos no flagrante que os levou à prisão. O grupo deixou a cela onde estava na 3ª Delegacia de Polícia, no Cruzeiro, cidade-satélite de Brasília, às 14h28. Dos seis, o mais emocionado era o guitarrista Eduardo da Silva Vitória, o Jackson, 20, o mais jovem do grupo.

*trecho de notícia públicada pela Agência Folha em 13/11/97.

1994

Skunk morreu de Aids, fato que quase decretou o fim do grupo.

1995

Planet Hemp lança o disco de estreia: Usuário

Vendeu mais de 140 mil cópias e ganhou disco de ouro



1996

Hemp New Year

O único EP lançado pelo Planet Hemp foi distribuído apenas para amigos de forma gratuita no Natal de 1996



1997

Os Cães Ladram mas a Caravana Não Pára

Segundo álbum do Planet Hemp



1998

Eu Tiro é Onda

Marcelo D2 lança o seu primeiro álbum solo



2000

A Invasão do Sagaz Homem Fumaça

É o terceiro e último álbum de estúdio do Planet Hemp, este trabalho também rendeu disco de ouro ao grupo



2001

MTV ao Vivo

O terceiro álbum do Planet Hemp a ganhar disco de ouro foi o último trabalho lançado pelo grupo antes da dissolução



2002

Hip Hop Rio

O projeto "Marcelo D2 apresenta Hip Hop Rio" mostra as bandas de hip hop selecionadas pelo artista e uma faixa exclusiva do próprio D2.



2003

A procura da batida perfeita

O segundo solo do D2 traz a participação de Stephan, filho do rapper com apenas 11 anos na época





Infográfico by Mandrake

D2 é capa da **Revista Rap Nacional**

O rapper Marcelo D2, referência para toda uma geração do rap carioca, é a capa da edição número 10 da Revista Rap Nacional. Junto com D2 na capa estão os parceiros da Cone Crew Diretoria, Filipe Ret e Stephan, filho de D2. Além de uma reportagem contando um pouco sobre a vida do artista a edição tem ainda uma super entrevista.

2014

2004
Acústico MTV
Esse foi o terceiro álbum da carreira solo do cantor, sendo premiado com disco de ouro pela ABPD em formato CD e DVD por mais de 50 mil e 25 mil cópias vendidas, respectivamente.




2005
DVD: A procura da batida perfeita



2006
Meu Samba é assim
Contou com participações de Alcione, Marechal, Aori, Zeca Pagodinho e Arlindo Cruz.



2007
Perfil
O álbum é uma coletânea com as melhores dos três primeiros discos solos do Marcelo D2



2008
A Arte do Barulho
O quarto álbum solo do D2 marca uma nova fase da carreira do cantor, com a gravadora EMI



2010
Marcelo D2 Canta Bezerra
O álbum é uma homenagem ao clássico interprete brasileiro Bezerra da Silva, no qual Marcelo interpreta covers de canções do mestre.



2013
Nada Pode Me Parar
O sexto albúm de estúdio do D2 rendeu videoclipes para todas as faixas, produtos exclusivos e ainda vai trazer um DVD ao vivo



Cone Crew



Diretoria



Cone Crew Diretoria

Por Elaine Mafra e Mandrake Fotos Sérgio Blazer

Quando a Cone Crew Diretoria estorou, em 2012, com o clipe "Chama os Mulekes" muita gente torceu o nariz. A princípio, parecia um bando de loucos que da noite para o dia alcançaram o sucesso. De certa forma, essas pessoas estavam certas. Sim, eles são um bando de loucos! Mas a trajetória começou bem antes e até conquistarem a fama trilharam um árduo caminho.

O grupo é formado por Maomé, Cert, Batoré, Ari, Rany Money e Papatinho, que é o beat maker e produtor. Ele começou a fazer as bases para ajudar os amigos que faziam as rimas. No início enfrentaram os mais diversos preconceitos e precisavam implorar para conseguir espaço para cantar. Num período mais cabuloso, Maomé chegou a ser internado numa clínica de reabilitação. Na época ele dividia um ap com Cert e os dois passavam o dia fazendo rimas. Durante os 90 dias que ficou internado, Maomé escreveu "Detido por ser livre" e "Escravizado". Com o retorno de Maomé, a Cone se uniu ainda mais e continuou a trilhar seu caminho. A luz no fim do túnel começou a aparecer quando em 2008 Maomé venceu a Liga dos MCs e Papatinho a Batalha de Beats.

Sem pretensão de alcançar o sucesso, os seis malucos só queriam fazer música para os amigos. Só que essas músicas ficaram tão boas que esse número de amigos foi aumentando cada vez mais e hoje a Cone Crew Diretoria já é considerada um dos maiores casos de banda independente no Brasil. Eles também tem uma loja virtual onde vendem os produtos da banda, que vão de meias a moletons, passando por bonés, canecas e muitas outras coisas.

Maomé, Cert, Batoré, Ari, Rany Money e Papatinho se conhecem desde a infância e já estão acostumados com a convivência. Depois do sucesso, passaram a ficar ainda mais tempo juntos e hoje vivem mais em hotéis, vans e aeroportos do que em suas próprias casas. É nessas intermináveis viagens que Papatinho fez a pré-produção e foi conhecendo as letras que os parceiros estavam preparando para o novo disco "Bonde da Madrugada – parte 1", lançado em abril deste ano.

Eles zoam tudo, até o nome da banda é um paródia a C.O.R.E., coordenadoria da Polícia Civil do Rio de Janeiro, que para fazer mais sentido, ganhou o significado de Com os Neurônios Evaporando, ou Evoluindo, que foi também título do segundo disco, lançado em 2011. O cotidiano da banda ganhou até um videoclipe. Em "Meus Amigos Fazem Rima" é possível ver que a vibe enfumaçada do sexteto não baixa nunca e que por onde chegam arrastam milhares de fãs.

E foi para conhecer de perto os moleques da Cone Crew Diretoria, fazer uma sessão de fotos e trocar uma ideia, que a equipe da Revista Rap Nacional marcou com eles um encontro nos Arcos da Lapa, no Rio de Janeiro. Além da entrevista que você confere nas próximas páginas, tem também um vídeo inédito, onde Papatinho ataca de "Repórter por um dia" e entrevista os parceiros do grupo.

Revista Rap Nacional: Quando você percebeu que a Cone passou de um brincadeira entre amigos para um grupo que é sucesso no país inteiro?
Papatinho: Foi naturalmente. Fazíamos música para nossa galeria e com o tempo percebemos que cada vez mais pessoas estavam ouvindo nosso som, então começamos a fazer shows. A parada foi aumentando e chegou ao ponto que esta hoje. Muita gente acha que foi de uma hora para outra, mas não foi. Trabalhamos pra caramba para chegar até o sucesso que esta hoje.

Revista Rap Nacional: Como foi o processo de produção do álbum Bonde da Madruga.
Papatinho: Estávamos fazendo muitos shows e não tínhamos tempo de ir para estúdio, então muita coisa, principalmente a pré-produção de beat, foi feita na estrada, em hotel, em van. Eu levo meu estúdio na mochila, placa de som, teclado, mesa. Então consigo fazer as paradas viajando mesmo e adiantar muita coisa. Às vezes no hotel os moleques me mostram uma letra eu já mostro um beat e assim que começa. Esse disco foi feito nas madrugas, nas estradas...

Como tem sido a aceitação desse novo disco?
Papatinho: Eu estou feliz com o resultado, temos recebido muitos elogios. Acho que ainda precisamos divulgar mais, porque só fizemos vídeo antes do disco sair. Para eu ficar satisfeito com a divulgação, ainda precisamos lançar os vídeos que temos em mente para fazer. Já estamos preparando novos clipes para completar a divulgação do álbum. Lembrando que esse álbum é só a parte 1, como estávamos viajando muito fiquei com medo de atrasar o disco, então dividi em duas partes.

Nesse disco tem uma música em homenagem as mães. Como era a aceitação delas no início da carreira? E hoje?
Papatinho: A mãe de cada um reagiu de uma maneira diferente. Mas no geral, no início não era muito bem aceito, porque é uma música rebelde. Ainda mais em 2006 que o rap não tinha tanta força como tem hoje, parecia que era uma brincadeira de maluco e que não ia dá em nada e nos chamavam de vagabundos, até na família mesmo. Eu parei tudo que eu fazia na minha vida para fazer batida de rap, parecia ser bem arriscado, mas nós sempre acreditamos no nosso bonde. Nós fomos persistentes e acreditamos no potencial da galera. Tentamos muito até que conseguimos.

Totalizando os três discos, quantos CDs a Cone já vendeu até hoje? A pré-venda do novo disco foi um sucesso?


Papatinho
Casa
comigo??

Papatinho: O primeiro disco foi uma demo que eu fiz 500 cópias a mão, distribuímos, vendemos a R$ 5 e até a R$ 1. Quando lançamos o "Com os Neurônios Evoluindo", em 2011, que teve participação do Marcelo D2, do Shwalin, já foi mais trabalhado em estúdio, o outro era mais uma brincadeira. Esse sim foi nosso primeiro àlbum e não teve disco físico, foi só para download. O grande boom da carreira veio por conta desse álbum. E agora "Bonde da Madrugada" parte 1, mas é mais um cartão de visita, até porque primeiro nós colocamos o CD para download de graça e só depois veio o CD físico. Porque eu acho que tem que propagar a mensagem, quem quiser comprar vai comprar.

Qual o segredo do sucesso?
Papatinho: Acho que não tem segredo não. Qualquer coisa feita com amor e disposição, se você acredita na parada um dia vai rolar. Em primeiro lugar é você acreditar onde você pode chegar, porque se você não acreditar, ninguém vai acreditar. Acho que o segredo para o sucesso é trabalho mesmo.

De onde vem as influências para as músicas e produções da Cone Crew Diretoria?
Papatinho: Cada um tem uma influência, traz referências de artistas e estilos diferentes e tudo misturado num grupo só. O Ari, por exemplo, era mais do rock. O Maomé ouvia mais MPB e Zeca Pagodinho. O Cert ouvia muito rap gringo, ele sabe falar inglês então entende as paradas. Eu gosto muito de Soul, Tim Maia. O Rany e o Batoré já ouviam muito rap. Nós ouviamos Planet Hemp, Raimundos, Sabotage, Quinto Andar, Snoop Dog, Tupac, Notorius... Na parte da produção eu fui muito influenciado pelos beats do Kanny West, usando sample para caramba, mudando tom. Virei um pesquisador para então começar fazer minhas paradas. Os produtores clássicos, Dr. Dree e Kanny West, é onde mais me inspiro.

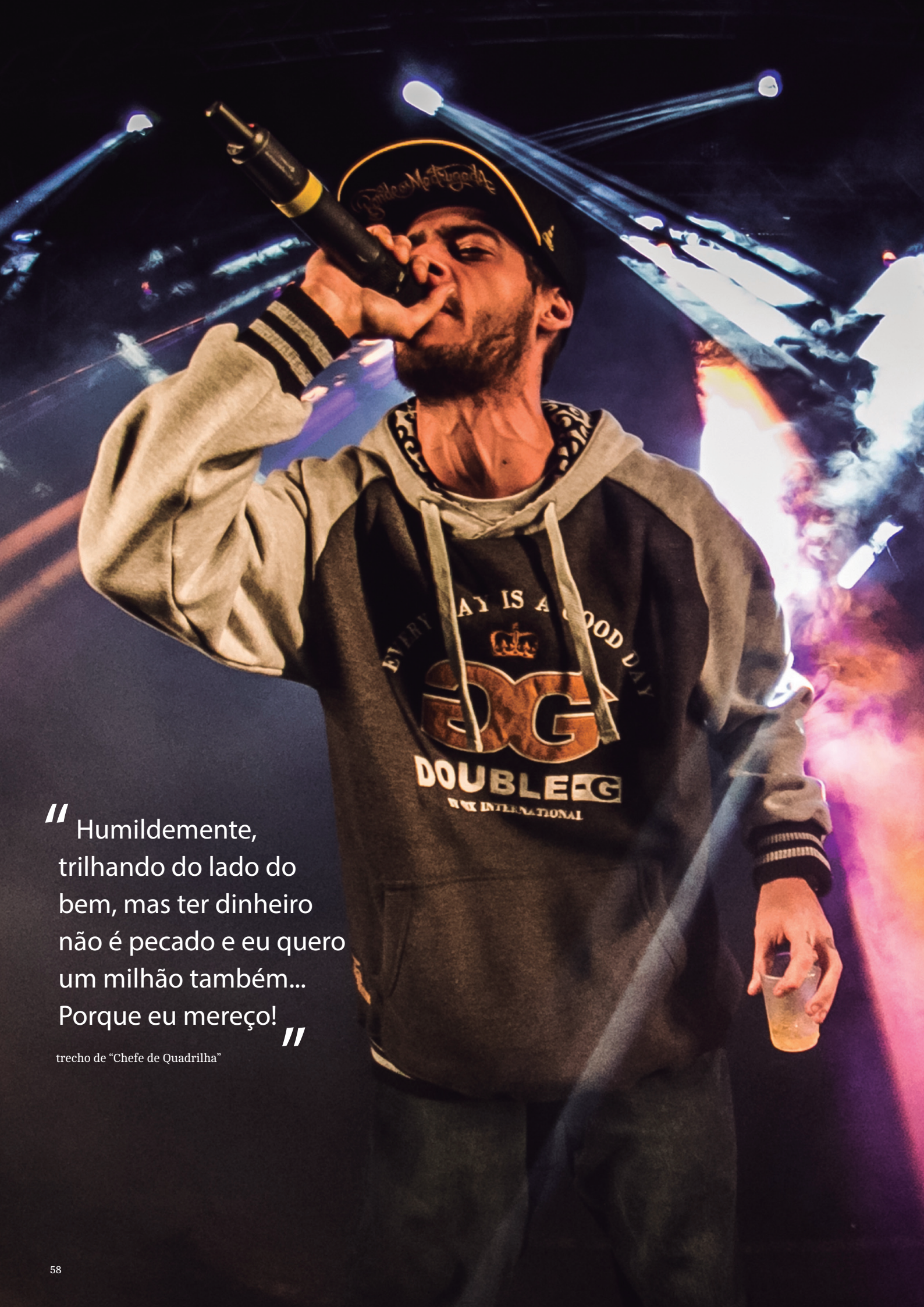
Como funciona o processo de criação das músicas num grupo formado por seis pessoas?
Papatinho: Quando algúem chega com uma letra eu encaixo num beat, daí faço o som com um MC e o beat e vamos encaixando os outros, até fechar a música. Fomos descobrindo com o tempo a melhor maneira de trabalhar. Já somos amigos de 2000 e estamos com o grupo desde 2006, então nos conhecemos a muito tempo. Se juntar os seis não sai nada, só sai zona. Então nos últimos anos eu vou no estúdio com cada um por vez e assim eu consigo tirar o melhor de cada um no momento da gravação. Quando marcávamos com todo o grupo para fazer algo, virava qualquer coisa, menos trabalho.

Considerando Facebook, Instagran e Twitter a Cone Crew tem mais de 2 milhões de seguidores nas redes sociais. Isso é uma responsa ou apenas um termômetro do reconhecimento do grupo?
Papatinho: Isso é resultado de um trabalho bem feito, do nosso esforço, da nossa correria. Estamos botando a cara há bastante tempo e a tendência é cada vez aumentar mais.

Nesta edição trazemos na capa alguns representantes do rap carioca. Você acha que a cena do rap no Rio de Janeiro esta no seu melhor momento?
Papatinho: O rap carioca esta em alta, vários grupos estão se destacando, fazendo shows pelo Brasil e isso é muito maneiro. Tem muita gente boa que ainda não conseguiu seu espaço mais que tá trabalhando. A cena esta cada vez mais forte e isso é muito maneiro mesmo.







"Humildemente, trilhando do lado do bem, mas ter dinheiro não é pecado e eu quero um milhão também... Porque eu mereço!"

trecho de "Chefe de Quadrilha"



" Então vê se eu tô me importando no que você tá falando. Os pela tão me julgando e suas mina me procurando... "

trecho de "Meus Amigos Fazem Rima"


CROOKS

Vocês já gravaram música, clipe e fizeram shows junto com o Marcelo D2. Como é para vocês dividirem a cena com ele?
Papatinho: Marcelo D2 virou parceiro da galera, tudo começou quando a gente fez o som "Falo nada". A dupla Cone Crew Diretoria e Marcelo D2 se dá muito bem e em qualquer lugar que estamos juntos é mó zuação e muita diversão. É como se o D2 fosse um integrante secreto da Cone Crew Diretoria, quando ele tá com a gente parece que ele é do grupo também. É muito maneiro estar junto com ele. Em agosto vamos cantar juntos no Pepsi on Stage, em Porto Alegre.

Qual foi a maior loucura ou a mais engraçada que os integrantes da Cone já aprontaram?
Papatinho: A galera é muito maluca mesmo, mais maluca que possam imaginar. Essa pergunta pode ser respondida com o vídeo "Meus amigos fazem rima" que eu fiz com alguns momentos de 2012. O clipe inteiro foi produzido com cenas de bastidores.

E como que foi a história que o Cert e o Rany queriam derrubar o avião? (risos)
Papatinho: Nessa música, "Meus amigos fazem rima" , tem uma parte em que o Batoré fala: "Já deu merda no aeroporto, várias horas no saguão, Cone Crew Diretoria não entra mais no avião". Isso é porque já fomos algumas vezes convidados a nos retirarmos do avião, porque é foda. Tem gente que tá no avião para viajar a trabalho ou fazer um passeio e a gente tá saindo de um show, as vezes direto para outra cidade com a adrenalina a mil e entra no avião, não tem como. É a mesma coisa do seu time ser campeão e você entrar dentro de um lugar fechado junto com os seus amigos. Viajamos com 13, 14 pessoas... Imagina todos juntos dentro de um avião depois de sair de um show, com muita alegria, muita energia e acaba que rola zuação, barulho e sempre tem alguém que não fica muito feliz com isso tudo.

Já que você não fuma maconha, como é conviver no meio desses loucos?
Papatinho: Nos conhecemos desde molequinhos, já estou tão acostumado conviver no meio disso que não muda nada. Nem percebo, isso aí não é problema nenhum, passa batido, tranquilão... Eu trabalho com música, se não fosse a Cone Crew eu estaria convivendo com essas paradas do mesmo jeito.

Qual foi a maior conquista da Cone Crew?
Papatinho: Nessa pergunta é muito difícil responder uma coisa só. Conquista é tudo que temos feito, gradativamente, não sei responder a maior conquista. Talvez o reconhecimento e a união da galera, nós somos amigos e conseguimos realizar nossos sonhos e estamos na luta para conseguir cada vez mais, já que tudo que a gente sempre quis era fazer som e viver de música, viver de rap e nós conseguimos. Hoje nós temos uma posição consolidade e acho que essa é a maior conquista da Cone Crew, ter passado de uma brincadeira para uma realidade.

O que você tem a dizer para quem fala que a Cone Crew é modinha?
Papatinho: Esse termo já tá batido. Tem até uma música no disco que nós damos uma gastada ao invés de criticar essa parada. O Batoré fez um letra como se ele fosse um cantor sertanejo. Essa música se chama "Quasy (Rap da Modinha)".

> "É como se o D2 fosse um integrante secreto da Cone Crew Diretoria, quando ele tá com a gente parece que ele é do grupo também."

Além de fazer música, a Cone também tem uma linha de produtos próprios e uma loja virtual. Fale um pouco sobre essa autogestão do grupo!
Papatinho: A gente fazia as roupas para nós mesmos andar com o nosso bonde estampado. Começou de forma caseira, fazendo em casa e buscamos evoluir nessa area também. Hoje tem um estrutura maneira, tem a loja virtual www.conecrewdiretoria.com.br , onde vendemos todos os produtos. E nós viajamos também com um vendedor que monta uma barraquinha em todos os lugares por onde nós passamos, também é uma grande conquista, por que isso veio junto. Quando começamos com o Cone Crew não sabíamos se ia virar uma banda ou uma marca, era uma galera que anda junto e defendia os mesmos ideiais e a parada acabou virando não só um grupo de rap, mas também uma marca. E essa é uma outra vitória para nós.

Como foi a emoção de estar no 1º lugar do Snoop Dog?
Papatinho: A emoção maior nem foi estar em primeiro, mas quando ele gravou um vídeo no Instagram, que foi parao Facebook e Twitter, mandando um alô para os sobrinhos do Brasil da Cone Crew. Isso daí meio que demorou para cair a ficha. Foi quase inacreditável para nós ouvir isso do Snoop Dog, uma realização mesmo.

O show da Cone Crew era considerado um dos mais esperados do Planeta Atlântida 2014 e o show no Rio Grande do Sul acabou sendo cortado. Você sabe porque isso aconteceu?
Papatinho: É a mesma parada do avião. O show que fizemos com o Raimundos em Santa Catarina foi louco, pela primeira vez no palco principal. Depois do show acho que a galeria perdeu um pouco a linha na bagunça. Os moleques tem fama de bagunceiros mesmo, e colocaram os caras depois do show dentro de uma salinha fechada e isso é muito perigoso. Mas estamos evoluindo bastante nisso.

Quais sãos as novidades que a Cone ainda reserva para 2014?
Papatinho: Estamos fazendo a tour com o àlbum novo "Bonde da Madrugada – parte I" e temos shows marcados em vários estados. Vamos trabalhar os clipes para sair ainda esse ano. Estamos lapidando a parte II do álbum, que não deve sair esse ano, mas estamos trabalhando.

Rany Money, Cert, Batoré, Ari, Maomé e Papatinho, qual a origem desses apelidos?
Papatinho: Rany Money, o nome dele é Rany Gabriel e o Money, nem sei se era de dinheiro, acho que é porque rimava com Rany e acabou ficando como nome artístico. Cert era a tag dele na época de pichação, isso muito moleque e acabou pegando mesmo, nunca vi ninguem chamar ele de André, acho que nem a mãe dele. Batoré é por causa do Batoré da Praça é Nossa, mas apelido de infância mesmo desde pequeno. Ari o nome dele é Adriano, ele diz que foi perdendo letra e ficou Ari. Maomé porque ele tinha um amigo com apelido de Jacó e daí nego falou que ele era o Maomé, e ficou. E eu, Papatinho, era Sapatinho e foi mudando com o tempo, porque quanto mais escroto o apelido mais pega.

Filipe Ret

Por **Elaine Mafra e Mandrake** Fotos **Sérgio Blazer**

Cheio de sonhos e com ambição de chegar mais longe através da música, de ganhar dinheiro sim, porque isso não é pecado. Mas de faturar com dignidade, levando junto os amigos de infância que hoje fazem parte de sua equipe. Assim é Filipe Ret, um jovem que esta escrevendo seu nome na história do rap.

Carioca, nascido e criado na Zona Sul do Rio de Janeiro. "Mas não é a Zona Sul lá de Ipanema, é do Catete, pertinho da Lapa", esclarece. E foi ali, na Lapa, que começou a se arriscar no freestyle, em 2002, participando da Batalha do Real. Nesta mesma época passou a escrever suas canções, antes só cantarolava os raps de outros de MCs. O início disso tudo foi ainda na infância, quando seu pai chegou em casa com o primeiro vinil de Gabriel o Pensandor. O disco não saiu mais da vitrola e Filipe decorou as letras para cantar junto.

Antes de se dedicar integralmente a música, Filipe concluiu o curso de Jornalismo e ingressou na carreira, mas sabia que aquele não era o seu mundo. Ele queria mais, queria viver de arte. A ideia de largar tudo para viver esse sonho rondou seus pensamentos durante anos e antes que sua vida se tornasse um pesadelo, tomou coragem, largou o emprego e começou a fazer as coisas do jeito dele. "Porque a vida sem arte é muito sem graça", explica.

Junto com os parceiros Shadow e Mão Lee, fundou a Tudu-Bom Records e lançou o CD "Vivaz, primeiro de sua carreira. O álbum tem influências de jazz, blues e rap underground. Seis, das dez faixas do disco, foram produzidas por Mão Lee, que é campeão da 1ª Batalha de Beats do Rio de Janeiro. Já a mixagem foi feita por MC Daniel Shadow, que também faz um instrumental e canta em duas faixas. Um novo disco já esta sendo preparado e a expectativa é que seja lançado ainda em 2014. Enquanto isso não acontece, Ret segue na divulgação do álbum Vivaz", percorrendo o país inteiro e levando sua música para todos os cantos.

No seu currículo estão também dois videoclipes, que juntos somam mais de quatro milhões de visualizações. Ret é fenômeno também nas redes sociais, onde seus posts, carregados de filosfia retiana, garantem milhares de curtidas. Mas o sucesso na internet só passa a fazer sentido quando se reflete também no mundo real. E foi isso que aconteceu com Ret, que hoje faz vários shows por mês. Entre uma viagem e outra, Filipe Ret encontrou uma brecha na agenda para bater um papo com a Revista Rap Nacional. Confira a entrevista nas próximas páginas.

Revista Rap Nacional: Nos conte um pouco da sua história.
Filipe Ret: Sou nascido e criado no Catete, perto da Lapa. Eu nunca sai muito dali, sou da Zona Sul, mas não é a Zona Sul lá de Ipanema, é do Catete, pertinho da Lapa. Comecei a batalhar lá, na batalha do Real, em 2002. Na época, batalha era uma novidade muito grande, era um fervo e pouca gente conhecia. Agora já tem dez vezes mais público. Eu não continue no freestyle, me dediquei mais a escrever e hoje sou enferrujadão no freestyle.

E quando foi o seu primeiro contato com o Rap?
Filipe Ret: Um dia meu pai chegou em casa com o primeiro vinil do Gabriel o Pensador, na época eu tinha oito anos. Eu coloca na vitrola e ficava ouvindo as letras e decorando. Foi assim que conheci o Rap.

Além do rap, qual foi a trilha sonora da sua infância?
Filipe Ret: Meu pai e minha mãe ouviam muito MPB, Caetano Veloso, Chico Buarque... Mas na rua eu ouvia pagode e funk, que era o que geral ouvia. Então, cresci com essa mistura. De música gringa eu ouvia funk melody, mas como não sei falar inglês, não entendia a ideia.

E como é fazer rap no Rio de Janeiro, um lugar onde o funk predomina?
Filipe Ret: Minhas melodias tem muita influência de pagode e funk. Eu crio igual funkeiro, porque eu escuto uma base eletrônica e crio a melodia a partir dela. Eu sou analfabeto musical, então eu não sei o que eu tô fazendo ali, mas eu tô sentindo! Igual o funkeiro quando ouve o tamborzão e canta em cima, de repente ele também nem sabe qual nota ele esta indo, mas sente que tá emocionando. A tendência é o funk e o rap se misturarem cada vez mais.

Você acha que a ideologia do rap carioca é diferente do rap paulista?
Filipe Ret: Tem uma divisão natural, pela geografia. São Paulo você não tem essa visão que temos aqui, não tem a proximidade com a praia. Aqui nós temos outro gingado, outra ritmologia, ideias e ambições. Em São Paulo é outra parada, é outro esquema. Mas eu acho que o Rio esta conseguindo ser mais business como São Paulo sempre foi. E São Paulo vem tendo mais malandragem como no Rio. Tá ficando interessante! E eu vejo um futuro muito próspero para o Rap.

O que você busca com o Rap?
Filipe Ret: Eu amo fazer essa parada! Fazer Rap no Brasil é um desafio. Eu luto para deixá-lo menos preconceituoso, deixar as pessoas com a cabeça mais aberta. Para transformar mesmo! Porque o Rap é transformação, é um gênero musical competitivo. Todo mundo que está no Rap, e também no hip-hop, é competitivo. Gostamos de desafios, por gostar da parada já gosta de desafio!

E qual é a mensagem das suas músicas?
Filipe Ret: É mensagem de transforma-



ção. Vamos tentar ser o melhor que podemos ser! Qual Ret eu quero ser? Eu posso ser o melhor Ret! Essa é a transformação do Rap, se desafiar, ter auto-estima, cabeça erguida sempre para bolar toda a engenharia da vida. Eu acho que o Rap é muita auto-estima e competição!

E você compete com você mesmo?
Filipe Ret: A todo momento! Eu acho que quem se deixa estagnar pela própria para no tempo. Você tem mesmo que se alfinetar, para enxergar as coisas de todas as perspectivas. O Rap faz você conviver com pessoas que são iguais a você. Os caras da minha banca são do meu bairro, a gente foi se transformando. Sabíamos que tínhamos que nos transformarmos, senão não tinha como crescer. Mas para isso acontecer é preciso saber ouvir os outros, ouvir quem esta do seu lado é a mágica da parada! Isso que vai te fazer ser mais. A vida é isso, muita ação e evolução.

Essa banca que você falou é a Tudubom Records?
A Tudubom Records é uma gravadora independente, formada por Daniel Shadow, Mãolee e eu. Já a família Tudubom é a banca toda. É meu primo que tá comigo, os moleques do meu bairro, o Biofá que vende as paradas da loja, é o fotografo, o técnico de som que também é lá da área. A filosofia é o sonho de viver de música, de viver de Rap. Viajar o Brasil com os parceiros, fazer que você ama. Temos esa filosofia de prosperidade na música. A Tudubom não é só a gravadora e o estúdio, é essa atmosfera bacana que há entre nós.

E foi através da Tudubom que você lançou o seu primeiro disco...
Filipe Ret: É, o Vivaz já sai pelo Tudubom. O lançamento foi em 2012, mas ainda esta rendendo bons frutos, principalmente no circuito do rap underground. A aceitação do público tem sido bem legal, tanto pelas redes sociais como nos lugares por onde passamos.

E de quem produziu o disco Vivaz?
Filipe Ret: A maioria dos beats é do meu parceiro e DJ Mãolee, mas tem faixas produzidas pelo Nocivo Shomon, Cafus, Ramonzin que é MC também, Dhigo, Shadow e Ibrabeats. A gente gravou, mixou e masterizou tudo na Tudubom Record. O Shadow tem uma visão bacana de mixagem e o Mãolee de timbragem, e eu ali na loucura toda.

"Debochado, cínico, à milhão. Sem padrinho, sem patrocínio!", você pode nos falar um pouco sobre essa rima da faixa D.U.T.U.M.O.B?
Filipe Ret: Eu tenho um pouco esse lado debochado! Tem que ser louco e ter convicção de que a parada vai dar certo, seguir em frente mesmo sem ter o dinheiro inicial. Acreditar mesmo quando ninguem acredita. É preciso ter essa loucura para manter a chama viva. Porque é a paixão que move o mundo. Se perder essa paixão já era. E a paixão é essa loucura de seguir independentemente de qualquer porra que aconteça.

> "É dificil você encontrar verdade nas músicas muito plásticas, então a molecada esta descobrindo essa verdade no rap."

Você é formado em Comunicação Social, mas largou tudo para viver o Rap. Como isso aconteceu?
Filipe Ret: Eu me formei porque eu queria saber até onde isso ia. Minha mãe é professora e sempre quis que eu tivesse um diploma. Eu ouvi ela até onde deu, mas chegou um dia que decidi fazer do meu jeito. Eu utilizo na minha caminhada várias coisas que eu aprendi, mas eu não ia ter futuro como jornalista ou assessor, isso não é para mim. Minha parada é fazer arte. Mas com certeza tudo que aprendi é um diferencial na hora de eu escrever.

E quando você decidiu viver do Rap sua família foi contra?
Filipe Ret: Eles me apoiam desde o início, quando eu decidi largar o emprego. Foram a favor porque eu consegui convencê-los disso. Eu já estava formado e trabalhava numa empresa, mas eu ganhava num mês o mesmo que cobrava para fazer um show, sem falar que eu não gostava do que eu fazia. Foi quando eu decidi fazer as coisas do meu jeito e entrar de vez para o Rap. Eu fiquei lutando, com essa dúvida entre o Rap e o trabalho por anós. Até eu tomar a decisão mesmo. Fiz isso com 26 anos, agora tô com 29. Há apenas dois anos que eu assumi essa bronca na minha vida.

Você já foi citado pela mídia como o sucessor do Marcelo D2. Como você encara esse título?
Filipe Ret: É foda, muito maneiro! Imagi-






VNL

na você tem um ídolo, começa a fazer o que ele faz e te comparam com teu ídolo? Tomara que eu seja, que eu chegue a altura dele. Marcelo é meu parceiro!

Qual é a maior dificuldade que você encontra no dia a dia?
Filipe Ret: Fazer a história acontecer mesmo. Conseguir fazer todos esses movimentos, com esses caras que estão comigo, que são do meu bairro e manter esse crescimento, junto com uma cena que ainda esta em crescimento. Conseguir gerar dinheiro, pagar todo mundo. Essa é a dificuldade da parada mesmo.

E o próximo disco já esta a caminho?
Filipe Ret: As balas já estão no pente... O que eu posso adiantar é que vem com uma produção melhor. O bumbo, a caixa, a voz... Tudo vai bater melhor! Já tem muitas produções, beats e letras encaminhadas. A ideia é lançar até o fim de 2014.

Você esta viajando o Brasil inteiro com seu show. Como avalia o mercado atual do Rap?
Filipe Ret: O mercado tá bonito, tá grande. A molecada está ouvindo cada vez mais Rap. É dificil você encontrar verdade nas músicas muito plásticas, então a molecada esta descobrindo essa verdade no rap. E é toda uma geração que esta crescendo, indo para internet e ouvindo coisas novas. E isso é muito bacana.

E qual a diferença de hoje em relação a quando você começou?
Filipe Ret: Me lembro de uma vez que teve um show do Racionais MC´s na Fundição Progresso, na Lapa, e não tinha nenhum amigo meu que ia. Eu tive que ir sozinho, porque na época as pessoas que eu andava não curtiam Rap. Era muito escasso de eventos, de shows e até mesmo de público. Só tinha o Prêmio Hutúz como referência, foi lá que vi o show do Sabotage e também do Racionais, em outra ocasião. Assisti também o MV Bill, que é um ícone de resistência e eu admiro muito. No Hutz eu também participei de uma batalha. A primeira vez que eu vi esse universo de Rap no Rio de Janeiro foi no Hutúz.

Como você avalia a importância da internet no seu trabalho?
Filipe Ret: Eu sou um artista da geração pós-revolução digital. A importância da internet e das redes sociais no meu trabalho é 100%. A internet hoje é o veículo mais democrático que tem. O clipe "Neurótico de guerra", que foi o primeiro que eu lancei, teve mais de três milhões de acessos no Youtube. Eu não fiz nenhum anúncio no Youtube para chegar a isso, foi viralizando na verdade. E isso reflete no telefone tocando para fazer mais shows, para descobrir que tem outros públicos. Já fizemos dois shows em Manaus, eu nunca fui tão longe na minha vida! É incrivel você chegar lá e ver a molecada e também os caras mais velhos do Rap curtindo o teu som. Eu só tenho a agradecer a revolução digital que permite que um número muito maior de pessoas tenham acesso as paradas. Se Deus quiser um dia vamos ter internet livre para todo mundo e os smartphones a preços mais acessíveis. E que tenhamos sabedoria para usar essa ferramenta, porque também a pessoa pode virar um debilóide, só vendo coisas inúteis. Que tenhamos sabedoria para lidar com a liberdade da internet, que revolucionou o mundo.

> "O mundo como ele é, é muito feio, então precisamos trazer colírio para os nossos olhos. A arte é a melhor droga do mundo."

Como você imagina o Rap daqui a 10 anos?
Filipe Ret: Eu gostaria que o Rap tivesse os maiores cachês do Brasil. Que o mercado estivesse profissional, que não tivesse aquela turminha que só critica. Gostaria que daqui a 10 anos estivesse bem para frente a parada, bem interessante. Que o pessoal estivesse bem ligado com a arte. Eu acredito que vai chegar gente bacana, interessante. Tem que ser otimista! Eu acredito no meu mercado, na minha música, no meu pessoal.

E o Ret como estará daqui a 10 anos?
Filipe Ret: Vai estar prosperando, vai estar feliz. Podendo ter cada vez mais condição de fazer mais música, de fazer mais arte. Com mais liberdade, mais recurso para o máximo de pessoas. É isso que temos que buscar para fazer uma arte mais bacana. Porque a vida sem arte é muito sem graça. O mundo como ele é, é muito feio. Então precisamos trazer colírio para os nossos olhos. A arte é a melhor droga do mundo. E isso é que temos que trazer para o mundo, para deixá-lo divertido, belo. E é isso que eu acredito, de coração mesmo. Tenho paixão pela arte!

E será que daqui a 10 anos a maconha estará legalizada no Brasil?
Filipe Ret: Claro. Daqui a 10 anos a TuduBom vai ter a TuduBom Coffe Shop, vamos ter uma na esquina de Copacabana. Imagina?

E para fechar essa entrevista, deixe uma mensagem para os seus fãs e também para os moleques que estão começando agora a cantar Rap?
Filipe Ret: Faça independente de pessoas te ajudando ou não. Você tem que convencer pessoas a te ajudar, isso faz parte do seu trabalho. E o bacana da vida é evoluir sempre, é saber ouvir. Quem não sabe ouvir, não merece evoluir. A mensagem que eu deixo é Raulseixista: "Basta ser sincero e desejar profundo. Você será capaz de sacudir o mundo.



Stephan Peixoto

Por Elaine Mafra e Mandrake Fotos Sérgio Blazer

Ser filho de artista pode até ajudar um pouco, mas vamos combinar que a cobrança também vem em dose dupla e é preciso provar o tempo todo que você realmente é merecedor de suas conquistas. Tamanha cobrança se torna pequena perto das vantagens de crescer ao lado de um ícone do rap. "Meu pai é um cara que tem uma cultura muito vasta, então ele me passou desde pequeno muita coisa, que agregou sempre pro meu jeito de fazer rap", comenta Stephan, também conhecido como Sain.

Stephan ficou conhecido em 2003, quando cantou o refrão "Eu me desenvolvo e evoluo com meu pai" na faixa " Loadeando", de Marcelo D2 .Porém sua estreia no palco foi muito antes. Aos dois anos de idade ele encarou um multidão no Circo Voador para anunciar um show da banda Planet Hemp. Em casa, nunca foi pressionado a seguir pela carreira musical, mas o envolvimento com a música foi quase que inevitável. Depois da participação com D2, Stephan lançou algumas músicas solo, entre elas "Sim, nós temos jazz e fez dupla com o rapper Akira Presidente. Em 2007 conheceu os rappers Shock e Faruk e deu início a banda Start, na qual DJ Alves também integra. O grupo Start, que já colocou na rua dois EPs, uma mixtape e alguns clipes, se prepara agora para lançar um álbum.

Há alguns meses Sain passou de "o fiho do D2" para "o pai da Giovanna". A herdeira dos peixotos chegou para deixar a família inteira babando. "Tem aquela carga né, ter um filho não é brincadeira, mas eu tô felizaço. Ela é linda. Xodózinho!", declara emocionado. E para conhecer um pouco mais sobre a carreira e as ideias de Stephan, é que a Revista Rap Nacional bateu um papo com ele. A entrevista você confere agora!

Revista Rap Nacional: O D2 é um ídolo pra uma geração inteira, como foi pra você crescer sendo filho dele?
Stephan: Cara é aquele bagulho, tem um peso, né! Afinal ele é um ícone do rap carioca, na verdade do rap nacional. Sabe coé? De neguim espera já aquela parada de você. Pelo outro lado, tive muita sorte também, porque o meu pai é um cara que tem uma cultura muito vasta, então ele me passou desde pequeno muita coisa, que agregou sempre pro meu jeito de fazer rap e também ao jeito que ele influenciou o Rio de rimar e fazer rap. É aquilo, foi bom pra caralho! Ao mesmo tempo que tem o lado ruim, que é o lado do peso (risos) , não poderia reclamar nunca, jamais!

Além de participar do disco "Nada Pode Me Parar", você tem sua própria carreira com o grupo Start. Como estão os trabalhos?
Stephan: EStamos para lançar o disco agora. Temos dois EPs e uma mixtape na pista, já temos umas faixas do disco, uns clipes também, mas agora paramos mesmo para fazer o CD, porque tem aquela difereça, de você fazer uma mixtape, que é só juntar as músicas de você fazer um CD, que é uma obra toda com um sentido, um contexto. Agora estamos finalizando, acabou de voltar da máster, falta só terminar a documentação mesmo. A capa nosso parceiro fez e já tá no esquema, em breve estamos soltando aí. Vai sair também o clipe do Bonde do Machado, com MC Alandinho, filho do Catra, parceiraço nosso que tá começando a fazer uns trabalhos de funk e rap. Nós estamos misturando uns bagulhos aí e vem ficando bom!

Como você avalia a cena do rap hoje?
Stephan: Tá muito bom mano, para o mercado em si, para a rapaziada tá forte! Sempre que tem um evento grande, o rap tá colocado em tudo *quanté* lugar. Isso é bom para nós, é o que batalhamos há vários anos. *Sabe coé*? Se você ver

> "O meu pai é um cara que tem uma cultura muito vasta, então ele me passou desde pequeno muita coisa, que agregou sempre pro meu jeito de fazer rap"


1988





hoje em dia, aqui no Rio tá tendo roda cultural em todos os bairros, de segunda a segunda, segunda em um bairro, terça em outro e assim vai. O bagulho tá fervilhando de banda nova, os moleque mandando freestyle. A cena tá cada dia mais bonita. Tá foda, 2014 tá brilhando.

Daqui a 10 anos... Como você acha que vai tá o rap? Mais foda ainda?
Stephan: Espero que sim! Estamos trabalhando para isso, para as casas de shows estarem sempre tendo um evento de rap, para as matérias na mídia estarem sempre falando de rap, para termos o nosso espaço mesmo, porque é por isso aí que estamos lutando. Precisamos disso, afinal de contas, essa é a ideia. Espero que daqui a 10 anos esteja todo mundo bem estruturado.

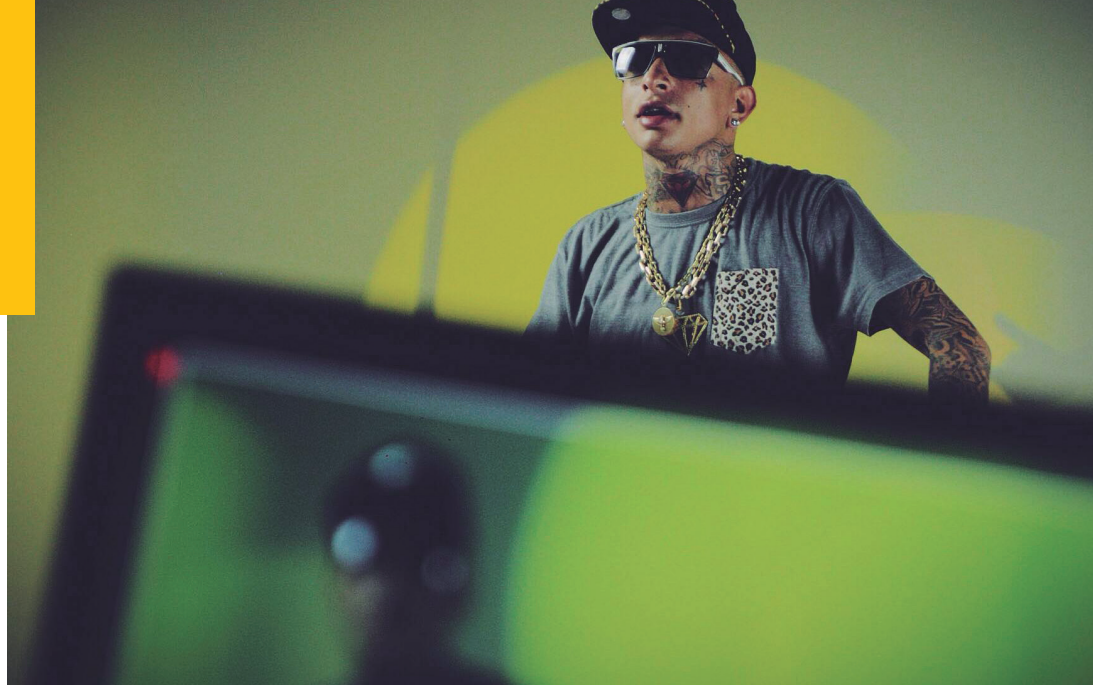
E você daqui 10 anos, vai estar no rap ainda?
Stephan: Claro, claro, eu, minha filha, a família inteira...

Você agora passou de filho para ser pai também. Como tá sendo ser pai?
Stephan: Pô, ela fez oito meses agora, eu estou só babando. Tem aquela carga né, ter um filho não é brincadeira, mas eu tô felizaço. Ela é linda. Xodózinho.

O que representa o rap pra você?
Stephan: Para mim o rap é essência da vida! É o jeito que você pensa, que você trata a vida, que você convive com as outras pessoas . É o jeito que levamos a vida, de respeito mesmo, sempre estar buscando o bem, essa é a ideia que tem que ser propagada. Salve salve, é o KTT, tey!

Guimê do rap ao funk do funk ao rap





Por **Elaine Mafra e Mandrake**
Fotos **Divulgação**

Há muito tempo que o funkeiro paulista, MC Guimê, flerta com o rap. Em parceiria com Emicida, lançou o hit "País do Futebol", que já teve mais de 33 milhões de visualizações no Youtube e é abertura de uma novela da Rede Globo. Mas foi uma foto postada no Instagram, que fez Guimê ser o assunto principal entre o público do rap. Afinal, ele apareceu lado a lado com nada mais nada menos que Dr. Dree, um dos maiores nomes do hip-hop mundial.

Guimê cresceu na periferia de Osasco, grande São Paulo, e sua história de vida é tão sofrida como a de muitos rappers. Aos 12 anos começou a trabalhar numa quitanda, passou noites inteiras carregando flores no Ceagesp e também atuou como limpador de carros num lava-rápido. A mãe abandonou a família quando Guimê era um bebê. O pai, eletricista, deu um duro danado para que não faltasse nada em casa, mas a ambição do moleque era grande. Sonhava com roupas e tênis de marca e foi isso que o fez começar a trabalhar tão cedo. A grana que ganhava, gastava em roupas e acessórios, comprados na Galeria Pagé.

Foi através do funk ostentação, vertente paulista do funk carioca, que o jovem da periferia de Osasco ganhou o mundo e hoje não precisa mais recorrer a Galeria Pagé para usar tênis de marca. Para entender melhor o envolvimento de MC Guimê com o rap, resolvemos chamá-lo para um bate-papo. Confira!

> "Sempre curti o rap e até hoje é inspiração para minhas músicas. Procuro juntar os estilos sempre que rola..."

Revista Rap Nacional: É verdade que antes de fazer funk você sonhava com uma carreira no rap?
MC Guimê: Sempre curti o rap e até hoje é inspiração para minhas músicas. Procuro juntar os estilos sempre que rola, igual fizemos com a música "País do Futebol".

Você já enfrentou preconceito no rap ou no funk?
MC Guimê: Sim, logo no começo era bem complicado, pois todos tinham um preconceito com a cena, mas já conseguimos mudar bastante isso.

Na sua opinião o que difere o funk do rap?
MC Guimê: Na real é somente o ritmo. Os dois têm um apelo muito forte nas periferias e hoje atingiram todas as classes!

Qual foi a trilha sonora da sua infância e adolescência?
MC Guimê: Racionais MC's, Trilha Sonora do Gueto, entre outros.

Disco de estreia!

Quem esta produzindo o primeiro disco de MC Guimê é Mike Will, um dos beatmakers mais pesados de Los Angeles e que já produziu beats para Rick Ross, Young Jeezy, Kenye West, Big Sean, 2 Chainz, Drake, Lil Wayne, Rihanna, T.I., Ciara, Wiz Khalifa, entre outros.





Na sua carreira você tem influências do rap?
MC Guimê: Total! Procuro sempre manter esse estilo, no entanto as letras das minhas músicas são referências dos rappers gringos.

Em alguns shows você canta músicas do Racionais MC's. Como o público reage sendo que foi para ver um show de funk e do nada começa a ouvir rap?
MC Guimê: O público não tem esse preconceito. A parte que canto rap é e sempre continuará fazendo parte do meu show, pois o público cai dentro e canta junto.

Você esteve em Los Angeles e trocou ideia com Dr. Dre. Como foi isso? Sobre o que vocês conversaram?
MC Guimê: Pra mim foi uma experiência inesquecível! Falamos sobre carreira, sobre as músicas e estar com o cara que criou a cena gringa do rap é sem dúvida a maior satisfação!

Além do Dr. Dre você esteve em estúdio com outros rappers americanos. Você fez música com algum deles?
MC Guimê: Logo mais divulgaremos com quem vamos fazer parcerias nas músicas! Por enquanto só posso adiantar que vão rolar sim!

Você acha que o funk que você faz esta mais próximo do rap americano do que o próprio rap brasileiro?
MC Guimê: Acho sim, pois os rappers americanos falam as mesmas coisas que falo no funk! Sobre festas, uma melhor condição e isso serviu de base para minhas letras.

Podemos esperar alguma música/disco de rap do MC Guimê?
MC Guimê: Podem esperar sim! Principalmente sobre a mistura dos estilos!

"O público não tem esse preconceito. A parte que canto rap é e sempre continuará fazendo parte do meu show, pois o público cai dentro e canta junto."

Você tem uma tatuagem com o rosto do Sabotage, o que ele representa para você?
MC Guimê: Para mim é um cara que representou na cena, curto muito o trabalho dele e escuto todas as músicas. Acho que foi um cara que fez diferença e por isso fiz a tatto com o rosto dele. Foi um cara que fez um trabalho que admiro!

MC Guimê ao lado do empresário, produtor, ator e rapper Dr.Dre

Reprodução / Instagram



Quando você fez sua primeira tatuagem e o que elas significam para você?
MC Guimê: As primeiras foram os nomes dos meus pais, elas marcaram o início da minha carreira, a base para ter foco no que queria fazer! E daí por diante não parei mais!

Qual a que você mais gosta e com quem fez?
MC Guimê: As que eu mais gosto são a de Jesus, que tenho na mão, e o nome dos meus pais, que foram as primeiras. Fiz a maior parte e continuo fazendo com o Adão Rosa, que é meu parceiro e faz o melhor trampo que já vi!

Você acredita na lei da atração? Afinal, muitas das coisas que você cantava no início da carreira hoje você conseguiu conquistar!
MC Guimê: Acredito na fé, força de vontade e na vontade de vencer! Pois trabalho muito pra fazer e ter o que tenho!!! E isso é a principal mensagem que quero passar, que temos que acreditar no sonho e correr atrás!

Em que momento da sua vida você percebeu que o sucesso havia chego! E como foi chegar até ele?
MC Guimê: Está acontecendo tudo muito rápido, Mas não acho que o sucesso chegou e eu percebi, pois faço com que ele sempre seja algo a ser alcançado. Pois se acharmos que chegou aí acomodamos. Fico sim muito feliz em ver pessoas que eu admiro e sempre fui fã falando sobre o meu trabalho e o público cantando minhas músicas.

Você é considerado o precursor do funk ostentação. O que você tem a falar sobre esse título?
MC Guimê: Acho que isso foi o reconhecimento do meu trabalho. Quanto há títulos, não levo isso para mim. Acho que sempre temos que fazer mais e mais! Surpreender, e é isso que acho que deve ser o título, profissionalismo e dedicação.

Algumas pessoas criticam o funk ostentação por acreditarem que as músicas incentivam os jovens ao consumismo, muitas vezes de produtos que não estão ao alcance delas. Afinal, um trabalhador assalariado dificilmente vai conseguir comprar uma Hornet, Kawasaki, entre outros bens citados nas letras. O que você tem a dizer em defesa ao funk ostentação?
MC Guimê: Eu nasci em Osasco, tive uma infância humilde e graças a Deus nunca atrasei o lado de ninguém para ter o que eu tenho. E é essa mensagem que quero passar, o exemplo sou eu... Tinha um sonho, corri atrás, e hoje posso falar que cheguei onde muitas pessoas nunca acharam que eu iria chegar. Sonhos estão aí para serem concretizados!!!

Existe uma preocupação ideologica nas suas letras?
MC Guimê: Eu canto o que estou vivendo e





Na foto da esquerda, MC Guimê no estúdio junto com um dos beatmakers mais pesados de Los Angeles, o Mike Will, no meio dos dois, o rapper Kendrick Lamar do grupo Black Hippy, da West Coast.

Já na foto da direita, Guimê visitou Big Sean, rapper que vendeu mais de 350 mil cópias de um único disco, o Finally Famous, e já passou pela gravadora G.O.O.D. Music do também rapper Kanye West e pela Def Jam Recordings.



isso inspira minhas músicas. Mas elas sempre tem um recado a ser passado, seja de alegria, festas, realizar um sonho.. São vários os recados passados.

Qual a importância da internet na sua carreira?
MC Guimê: Fundamental! Ela foi a ferramenta que fez o meu trabalho chegar para todo mundo com tanta rapidez. Para mim a internet é e sempre foi o maior meio de me aproximar de todos meus fãs.

Você alcançou todo esse sucesso sem ter lançado disco. Você acha que o modelo no qual estamos acostumados, de músicas reunidas num CD, é ultrapassado?
MC Guimê: Eu lanço o meu CD este ano ainda, pois eu curto muito comprar o CD, ver o encarte, mas isso é pra quem realmente curte o artista que vai lá e compra. Mas acho que hoje a internet é muito mais acessível para todos terem sua música! Resgatamos com o funk uma ferramenta que estava esquecida, que eram os clipes! E acho que isso também é importante para a música!

Quem esta produzindo? Participações?
MC Guimê: Quem vai produzir será o Mike Will e participações vão ter sim, mas não posso divulgar. Mas se preparem que vem muitas surpresas por aí!!!!

Deixe uma mensagem para o público do Rap Nacional!
MC Guimê: Satisfação sempre em poder representar o funk no Brasil, satisfação maior ainda poder unir o rap com o funk! E acho que todos iram curtir muito ainda os trabalhos que estamos preparando!





iMarker13



MARCADOR NAS RUAS, INTOCÁVEL REPUTAÇÃO

www.themarker13.com

Foto: **77 Produz Studio**

QUEM TEM ATITUDE NÃO DESISTE JAMAIS

COMPRE O NOVO CD DO ATITUDE FEMININA



Arte by: Fabio DJ Scooby (21) 98306-7920

PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS

ISAÍAS JÚNIOR (PROVÉRBIO X)
RENAN (INQUÉRITO)
JAPÃO (VIELA 17)
TATY (BELLADONA)
JANE EX-VENENO
CRÔNICA MENDES
DINA DI
MARKÃO (BASEADO NAS RUAS)
EXS (CÂMBIO NEGRO)
DJ SIMMONE
NICOLE NOBRE
GIZA BLACK

ATITUDE FEMININA DESISTIR JAMAIS



WWW.ATITUDEFEMININA.COM.BR

/ATITUDE-FEMININA

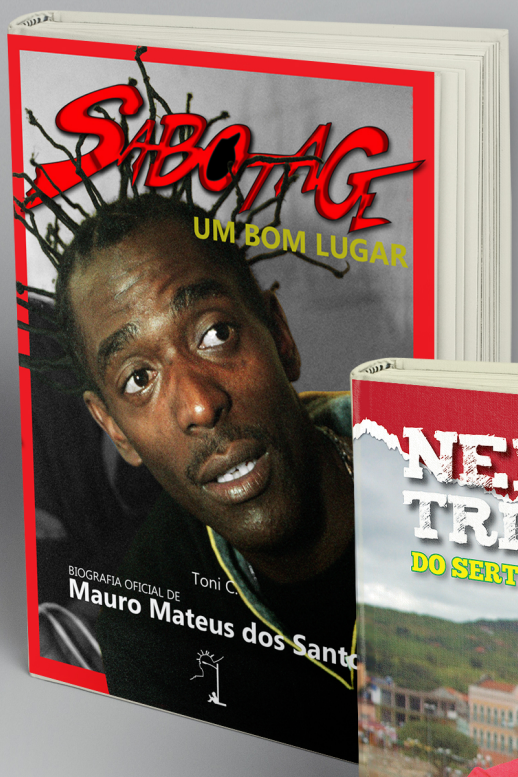
VENDAS ONLINE
CameLou CAMELOU.COM.BR

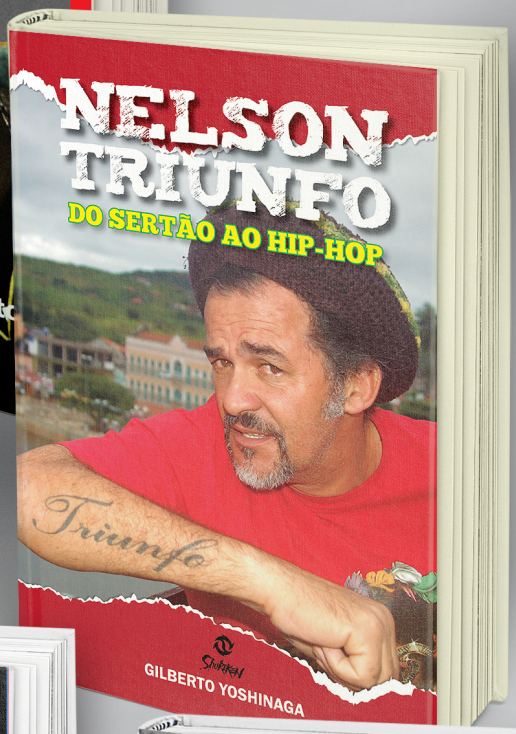
PROD FONOGRÁFICA
Atitude Produções

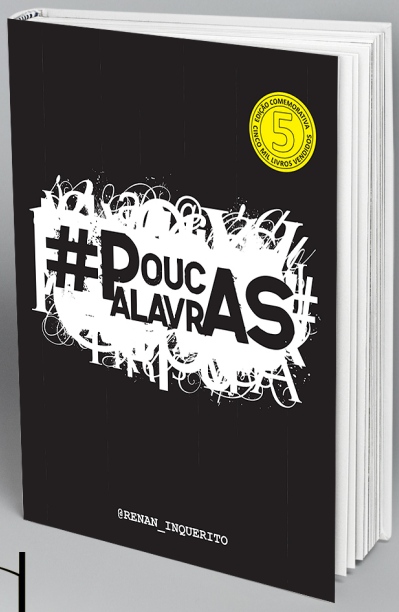
APOIO
GALUZ

DISTRIBUIÇÃO
Marola Discos (61)3224-3599
GRV discos

CONTATO PARA SHOW
SP - 0XX11-99613-6699 (NINA FIDELIS)
DF - 0XX61-8110-3417 (DJ RAFFA)

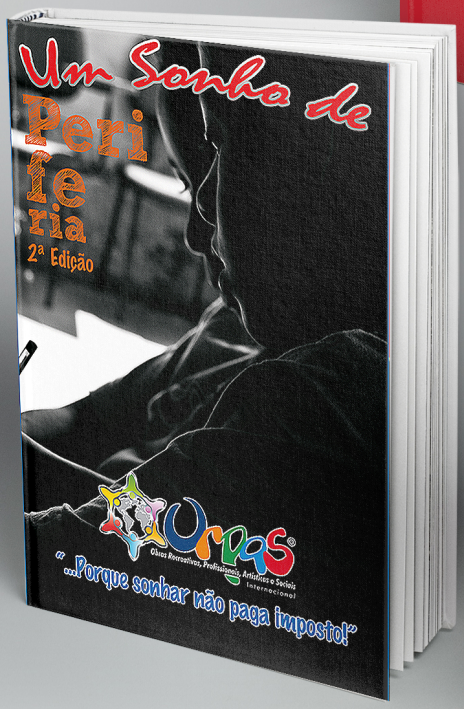






LiteraRUA

Criamos Tecnologia Marginal







Baixe agora APP Grátis

facebook/LiteraRUA

Twitter/@literaRUA_

App Store

Google play

#lifestyle

Paulo Jorge Jr.

Editor do The Hype BR, maior portal de lifestyle do Brasil wwwthehypebr.com



Racionais MC's lança coleção "25 anos"

Você já deve saber e ter lido que o Racionais MC's, maior grupo de rap brasileiro, esta em turnê para comemorar os 25 anos de carreira. A comemoração vai de lançamentos de músicas inéditas, passa pela turnê especial e chega ao ponto alto com o lançamento da coleção "25 anos". A coleção é inspirada na rica trajetória do grupo e conta com 10 bonés e 23 modelos de camisetas. Os modelos de bonés trazem a assinatura da produtora Boogie Naipe nas laterais. A previsão é que a coleção "Racionais MC's 25 Anos" esteja disponível no mercado a partir de agosto em revendedores autorizados.



Snoop Dogg X Adidas - Adizero 5-Star "Snoop Lion"

Um fã de longa data de futebol, Snoop Dogg teve através da colaboração com a Adidas a oportunidade de projetar as chuteiras Adizero 5-Star "Snoop Lion". Essa é a primeira colaboração de uma celebridade para a chuteira com a marca das três listras. Destacando Snoop Lion, persona de Snoop Dogg, a chuteira possui cravas de ouro e um leão rugindo em destaque estampado nela.
"Como um ávido fã de futebol, eu estou animado com minha collab com a Adidas", disse Snoop Dogg.
"As chuteiras não são feitas apenas para o alto desempenho, mas especialmente projetado por mim - então esteja adequadamente preparado para usá-la".





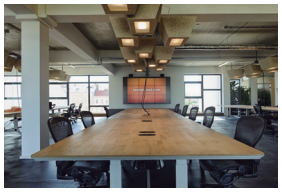

















Por dentro do escritório do Soundcloud em Berlim

Criado em 2007, o Soundcloud é uma plataforma online que permite que produtores possam publicar, compartilhar e promover seus trabalhos. Hoje essa plataforma é uma ferramenta poderosa como Youtube e como já foi o Myspace em seu auge. Sediado em Berlim, Alemanha, o escritório da empresa recebeu a colaboração dos designers de interiores KELLY ROBINSON e KINZO BERLIN. Em sua concepção, eles pensaram o escritório em torno da música, com sala de gravação, mesas de trabalho, também uma sala verde e uma sala de descanso. Há de se destacar a grande presença de madeira em vários ambientes, algo percebido também em sedes de outras grandes empresas. Será essa uma tendência?

KAWS apresenta o frasco da fragrância “G I R L” de PHARRELL

O renomado artista Kaws publicou em seu Instagram a primeira imagem do frasco da fragrância “G I R L” de Pharrell Williams e é tão bom quanto esperávamos. A arte, que é a assinatura de Kaws, aparece cobrindo toda etiqueta e o topo é redondo tendo dois “X” como seus olhos. O nome de Pharrell e o nome da fragrância também aparecem no rótulo juntos com as palavras “for girls and boys” - o que dá a entender que será uma fragrância unissex. Na legenda da imagem, Kaws escreveu que “parfum” de Pharrell é uma colaboração entre o produtor e a marca Comme Des Garçons, mas ainda não há nenhuma previsão de quando “G I R L” chegará ao mercado.





EVOKE BOMBER

O mais recente lançamento da Evoke é imponente, com design agressivo, linhas retas e detalhes impecáveis.

R$747

EU POSSO QUERO

R$699

BEATS BY DRE STUDIO

Totalmente redesenhado, o fone de ouvido Studio Beats by Dr. Dre está mais leve, potente, confortável e mais preciso que o seu design anterior já famoso.





R$349

MOCHILA OGIO | REBEL X KINGS SNEAKERS

Com estilo e funcionalidade ela também possui bolsos laterais e painel organizacional com bolso e zíper, compartimento interno para notebook até 17", espaço frontal acolchoado para iPad e Tablet e compartimento principal com grande capacidade de armazenagem e versatilidade.



R$49

Camiseta Rap Nacional

A camiseta oficial do site de Rap mais conhecido do Brasil!

ONDE COMPRAR

Beats By Dre www.apple.com/br
Óculos Evoke www.evokestore.com
Mochila www.lojakings.com.br
Camiseta www.lojarapnacional.com.br


www.Lojakings.com.br
KINGS
sneakers
(11) 3223.1624
Av. São Joao, 439 Lj. 34 Galeria do rock
Diadema - Tatuapé - Tiete Plaza - Shopping Guarlhos







NEW ERA: Faze



Por **Elaine Mafra**

Os bonés da New Era estão, e não é de hoje, literalmente fazendo a cabeça da molecada no Brasil. A marca foi criada em 1922 e no início tinha apenas 14 funcionários e uma produção de cinco mil bonés por mês. Hoje, são mais de 1300 funcionários e a produção ultrapassa 50 milhões por ano. Além do Brasil, a New Era domina em outros 80 países.

A expansão da marca começou em 1934 com a popularidade do baseball. Foi quando o fundador da empresa, Ehrhardt Koch, resolveu investir em bonés para esses esportistas e essa foi a grande jogada da marca. Na sequencia, a New Era firmou um contrato com o time de Cleveland e passou a ser a marca oficial dos profissionais de baseball. O reconhecimento em outros países aconteceu com o lançamento do 59FIFITY, que é o modelo mais vendido até hoje!

Além dos licenciamentos exclusivos, a New Era também lança coleções desenhadas por grandes estilistas. Recentemente o











endo sua cabeça

estilista americano Jeremy Scott, conhecido por seus projetos ultrajantes e estampas malucas, fez uma parceria com a New Era que rendeu uma coleção limitada. Inspirada diretamente nas passarelas de Nova York, esta coleção eclética de 59FIFTY e 9FIFTY é feita em couro sintético com acabamento que imita a textura do couro de avestruz, cobra e crocodilo. As unidades são limitadas e os preços variam entre R$ 249,90 e R$ 399,90

A equipe New Era esta sempre antenada com tudo que rola para sempre apresentar modelos atuais e que surpreendem o público. Percebendo que uma galera mais descolada curte muito aqueles bonequinhos divertidos conhecidos como "Toy arts", fechou uma parceria com a empresa de design responsável por lançar os mais irados toys do mercado. A Tokidoki, que apesar do nome japonês foi criada pelo designer italiano, Simone Legno, criou uma coleção com temas adultos, minimalistas, modernos e repletos de cenas undergrounds.

E não pense que os modelos são inspirados somente no que esta rolando lá fora. O Brasil também é uma fonte inesgotável de inspiração. Uma das mais recentes coleções foi inspirada no mundial de futebol que rolou por aqui. Os caps do projeto Brasilidades foram feitos a partir da arte urbana dos artistas Mack, Ment e Mottilaa. O tatuador e grafiteiro Markone, considerado por muitos um dos melhores tatuadores do Brasil, também já desenhou uma coleção para a New Era Brasil, que recebeu o nome de Marker 13.

Um dos diferenciais dos bonés New Era é que se adaptam com facilidade aos diferentes tamanhos de cabeça. A quantidade imensa de modelos também facilita na hora de escolher. São mais de 420 licenciamentos esportivos e de entretenimento. Além dos caps que ilustram esta matéria, você confere outros modelos no Editorial de Moda Urbana nas páginas seguinte!



Editorial de

#Moda Urbana

Dalazen Jr. Fotografia contato@dalazenjr.com.br | www.dalazenjr.com.br | (47) 9971-0686
Assistente de Fotografia: **Diego Miranda** | **Produção: Elaine Mafra** | **Modelo: Mandrake**




A's
59 Years
1954
LA
Veste:
NEW ERA
EVOKE
EYEWEAR


EVERY DAY IS A GOOD DAY
DOUBLE-G



Veste:

DOUBLE-G

Veste:




NEYMAR
NIKE F.C.
Veste:


KINGS
sneakers
KINGS
sneakers


KINGS
KINGS
Veste:
KINGS
sneakers



O que estamos jogando!

Saiba quais são os games que estão rolando na redação da Revista RAP NACIONAL.



Situado em Chicago, onde uma rede central de computadores conecta tudo e todos, Watch_Dogs explora o impacto da tecnologia na nossa sociedade. Usando a cidade como sua arma, você vai embarcar em uma missão pessoal para impor a sua própria marca da justiça.

A Rede global de Chicago é conhecida como o Sistema Operacional Central (CTO), e controla quase toda a tecnologia e informação da cidade - incluindo dados importantes sobre todos os moradores da cidade.



Você joga como Aiden Pearce, um hacker brilhante e ex-bandido, cujo passado criminoso levou a uma violenta tragédia familiar. Enquanto busca justiça para esses eventos, você vai monitorar e hackear todos ao seu redor através da manipulação dos CTOS a partir da palma da sua mão. Você vai acessar câmeras de segurança, fazer o download de informações pessoais para localizar um alvo, controlar semáforos e transportes públicos para parar o inimigo ... e muito mais.

Vivendo no interior da cidade de Chicago, onde a violência é muitas vezes respondida pela violência, Aiden aprendeu a levar a luta para as ruas. Desfira golpes devastadores com o seu bastão, ou experimente tiroteios eletrizantes com simulação de física que disputa com qualquer coisa na categoria de atirador. Ao longo de sua jornada, Aiden vai se encarregar dos seus inimigos com mais de 30 armas tradicionais.

XBOX ONE


A SUA MARCA
É O SEU MAIOR
PATRIMÔNIO!
REGISTRE SUAS IDEIAS.
By Mandrake

VALÉRIO
MARCAS E PATENTES
DESDE 1970
AGENTES DA PROPRIEDADE INTELECTUAL

(11) 3337-1090
valeriomarcas@uol.com.br | www.valeriomarcas.com.br
Avenida São João, 755 - 9º Andar
Conjunto 95 - São Paulo - SP



Mandrake aproveitou sua passagem por Carapicuiba para fazer duas novas tatuagens com Bruna Francini! A mina é fera e tem estilo! Se você é da Zona Oeste de SP e estiver a fim de fazer uma tuagem não deixe de passar por lá e aproveite para comprar lá mesmo a Revista Rap Nacional! Esquina da Avenida Inocêncio Seráfico com travessa Francisco Eugênio Correia, 8 - Salão B - Térreo, Carapicuiba /SP. facebook.com/CONVICTIONTATTOO

INSTAGRAM.COM/ BRUNA_FRANCINI

INSTAGRAM.COM/ RAPNACIONAL

Revista Rap Nacional Nº10 é oestentada na banca Top Center, que fica na Avenida Paulista, 810 , próximo prédio da TV Gazeta





Mano Brown assistiu a derrota de 7x1 do Brasil para a Alemanha, na semi final da Copa do Mundo 2014, acompanhado do grande cineasta Spike Lee, em Nova York

INSTAGRAM.COM/ MANOBROWN10



INSTAGRAM.COM/ BAGUARECORDS

O empresário Jairo Andrade ao lado de Rob Goldminc, diretor Geral da Puma no Brasil, o jornalista esportivo Benjamin Back, Primo Preto, DBS e Túlio Dek no canal FOX SPORTS lançando o projeto Suor Não Tem Cor. Confira em www.suornaotemcor.com.br



Filipe Ret, Marcelo D2 e os filhos Stephan e Luca, Pathy de Jesus e Diogo Canto no jogo da Alemanha vs Argentina, final da Copa do Mundo do Brasil no Maracanã, Rio de Janeiro

INSTAGRAM.COM/ FILIPERET



Maurício DTS junto com Rapa da Godói, Ferréz e Negredo no Ensaiaço de junho. O Projeto Ensaiaço acontece toda última sexta-feira do mês na Rua Grisson, número 80, e todo último sábado do mês na Fábrica de Culturas da Rua Algard, 82, ambos no Capão Redondo, Zona Sul de São Paulo/SP.

INSTAGRAM.COM/ SIGAMAURICIODTS

music boxbrazil

O palco da música brasileira.

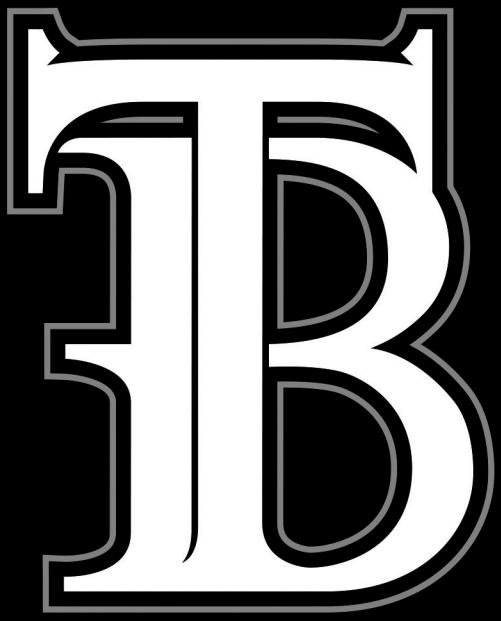


A MÚSICA NÃO TEM HORA.

O Music Box Brazil é o único canal dedicado exclusivamente à música brasileira. Com 24 horas de música para todos os gostos, todos os estilos e todas as horas. São shows, videoclipes, making ofs, entrevistas e filmes com o que há de melhor da música brasileira.

Sintonize:
NET - 123, Claro TV - 111, SIM TV, Via Cabo,
entre outras operadoras parceiras.

www.musicboxbrazil.tu.br musicboxbrazil @musicboxbrazil



UM SONHO IMPOSSÍVEL. UM LUGAR IDEAL.

TUDUBOM.COM



www.rapnacional.com.br

14 anos no ar | Atualizações 24h
Mais de 50 mil visitas únicas por dia

ANUNCIE:

(47) 3046.6156
falecom@rapnacional.com.br

Parceiros:

UOL O MELHOR CONTEÚDO

ovirgula.com.br